



Erasmus+

KA1 – Projeto Paideia

Relatório de Avaliação Final Julho 2018



INTRODUÇÃO

No âmbito da avaliação da implementação do projeto PAIDEIA, a EBI Francisco Ferreira Drummond comprometeu-se a conceber um dispositivo de avaliação adotando “uma perspetiva longitudinal, com intervenções e produção de resultados no início do processo, no seu ponto médio e no final do projeto, desdobrando os seus pontos focais em indicadores objetivos e indicadores representacionais” (Cf. Candidatura, p. 21).

Satisfazer este requisito significaria produzir um estudo avaliativo da situação inicial da Escola, em setembro de 2016, com o qual serão comparados estudos idênticos, realizados no ponto intermédio de execução do projeto, e no seu final.

Contudo, apenas se procedeu ao estudo avaliativo da situação inicial e final, não tendo lugar a prevista avaliação intermédia, a qual foi suspensa por decisão da Coordenação Erasmus+. Esta decisão sustentou-se no facto de não ter sido possível apurar um número de respostas representativo, quando aplicado o questionário no ponto intermédio do projecto, o que poria em causa a fiabilidade dos resultados e não daria resposta aos objectivos pretendidos.

Alguns dos indicadores a considerar nesta avaliação foram apresentados na Candidatura do projeto; outros, porém, foram adicionados no decorrer do processo, no sentido de garantir a coerência interna do dispositivo de avaliação.

Os dados objetivos foram recolhidos junto do Conselho Executivo – e de outras fontes representativas das atividades da Escola; os dados representacionais foram obtidos através de um inquérito remetido a todos os professores da Escola, difundido através da ferramenta disponibilizada pela plataforma *Google* para a realização de formulários, inquérito que foi repetido no início e no final do projecto.

Se, na avaliação inicial, obtivemos uma taxa de resposta da ordem dos 59% dos professores (47 em 80), taxa que nos pareceu representativa do corpo de professores da Escola, na avaliação final, realizada em Junho de 2018, registou-se uma ligeira subida da taxa de resposta, a qual se cifrou em 61% (45 professores em 73), taxa esta que foi também considerada representativa e fiável, ao contrário das 29 respostas que obtivemos na aplicação intermédia do questionário (36%), da qual não resultou uma avaliação formal.

Continua a dever realçar-se que nem sempre o universo de respostas corresponde com fidelidade ao universo de professores da Escola, uma vez que, tendo sido submetido em formato digital pela Equipa Erasmus+, os professores mais próximos da realidade Erasmus+ responderam, presumivelmente, todos, enquanto, dos mais distantes, nem todos responderam; esta constatação exige que se façam algumas correções nos dados obtidos e que se tomem alguns dados com mais cautela do que seria desejável; todavia, são os resultados disponíveis e é com eles que há que operacionalizar o trabalho proposto.

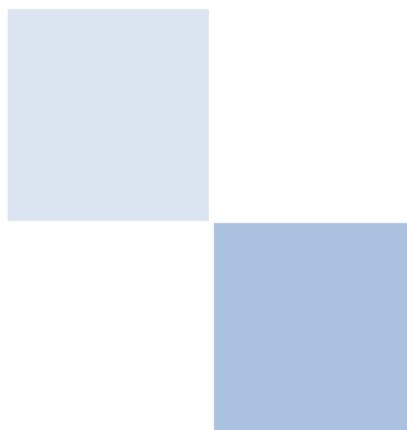
Há ainda a destacar, na análise de resultados, alguma fluidez no quadro de professores da Escola, atendendo à natureza dos concursos públicos para professores e aos mecanismos de colocação de professores em cada escola; atendendo ainda a que as respostas ao questionário proposto são anónimas, não houve forma de controlar os grupos de respondentes, a sua correspondência aos grupos de professores da Escola, por ciclo, pelo que a amostra utilizada para as duas submissões do questionário não é, necessariamente, a mesma nem é sequer idêntica.

Numa outra perspectiva, deve aqui referir-se que os indicadores recolhidos foram organizados em grandes dimensões de análise da situação inicial da Escola, dimensões essas que estão repetidas no relatório de avaliação final. Assim, chegámos a estas dimensões de análise: caracterização da Escola, resultados escolares, práticas educativas da Escola, dimensão europeia da educação e desenvolvimento profissional. Resulta óbvio que, no desenvolvimento do projecto PAIDEIA, motivo e origem deste relatório, algumas destas dimensões são mais suscetíveis de alteração dos seus resultados do que outras – ou, por outras palavras, é mais expectável, por exemplo, obter resultados diferenciados no início e no fim do projeto no que respeita à dimensão europeia da educação do que na caracterização da Escola, como é mais plausível esperar diferenças sensíveis no desenvolvimento profissional do que nos resultados escolares – embora todas as dimensões de análise devam também estar sujeitas à mudança pelo influxo do projeto PAIDEIA.

Como última observação relevante, as datas escolhidas para a realização das avaliações: apesar de o projeto ter tido o seu início a 1 de junho de 2016 e ter a sua conclusão prevista para 31 de maio de 2018, a equipa responsável pelo projeto PAIDEIA decidiu deslocar, a avaliação inicial para o início do ano lectivo de 2016/2017 e a avaliação final para Junho de 2018, uma vez que o projeto tem vindo a ser sistematicamente ligado, na Escola, a dois anos letivos.

Espera-se que o trabalho aqui desenvolvido possa, para pessoas não envolvidas nas atividades da Escola, dar dela um retrato fiel e operatório, e, sobretudo, que as suas categorias e dimensões de análise, como os seus indicadores, possam acomodar, no futuro, as mudanças que seguramente o projeto PAIDEIA e a sua implementação venham a proporcionar.

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA



A Escola Básica Integrada Francisco Ferreira Drummond assegura o funcionamento da Educação Pré-Escolar e do Ensino Básico na freguesia da Feteira, Vila de Porto Judeu e Vila de São Sebastião, zona rural da ilha Terceira, situada entre as duas cidades de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória, com cerca de 6.000 habitantes.

1. Número de Alunos por ciclo

Nível de Ensino	Análise	
	Inicial	Final
	Ano Letivo 2016/2017	Ano Letivo 2017/2018
Educação Pré-Escolar	79	77
1.º Ciclo	207	207
2.º Ciclo	130	120
3.º Ciclo	170	123
Total	586	527

Quadro 1 - Número de alunos por ciclo – Análise inicial e final

2. Número de Professores por Ciclo

Docentes	Análise					
	Inicial 2016/2017			Final 2017/2018		
	PQND	Contrato a termo resolutivo	Afetação por prioridade	PQND	Contrato a termo resolutivo	Afetação por prioridade
Educação Pré-Escolar	11	0	0	8	0	1
1.º Ciclo	15	3	0	15	2	0
Ensino Especial	5	1	1	5	2	0
2.º Ciclo	17	4	1	11	5	3
3.º Ciclo	16	5	1	10	9	2
Total	64	13	3	49	18	6

Quadro 2 – Número de professores por ciclo – Análise inicial e final

Deve registar-se, da análise destes quadros, uma redução de sensivelmente 10% no número de alunos como no de professores da Escola, redução que afecta sobretudo os 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico.

4. Horário

Turmas Pré-escolar	09:00 horas – 12:15 horas e 13:30 horas – 15:00 horas
Turmas do 1.º ciclo	2ª, 4ª e 6ª feira 09:00 horas – 12:15 horas e 13:30 horas – 15:00 horas
	3ª e 5ª feira 09:00 horas – 12:15 horas e 13:30 horas – 16:00 horas
Turmas dos 2.º e 3.º ciclos	08:05 horas – 08:50 horas
	09:00 horas – 09:45 horas
	09:45 horas – 10:30 horas
	10:45 horas – 11:30 horas
	11:30 horas – 12:15 horas
	12:20 horas – 13:05 horas
	14:05 horas – 14:50 horas
	14:55 horas – 15:40 horas
	15:40 horas – 16:25 horas
Nota: O Refeitório funciona entre as 11:45 e as 14:00 horas.	

Quadro 3 – Horário de funcionamento da Escola

5. Formação em Liderança no Conselho Executivo da Escola

Nos Açores, a gestão democrática das Unidades Orgânicas do sistema educativo continua a ser assegurada por Conselhos Executivos eleitos por um colégio eleitoral definido por lei regional, englobando professores, funcionários e representantes da comunidade educativa. Por este facto, os elementos dos vários Conselhos Executivos não possuem formação específica em administração escolar, apesar de existirem na lei requisitos que condicionam a apresentação de candidaturas (por exemplo, ter desempenhado funções de coordenação pedagógica durante, pelo menos, um mandato – 3 anos). Assim, alguns requisitos essenciais ao desempenho de funções de administração e gestão são adquiridos pela experiência de vários mandatos de exercício.

Este aspeto não compromete uma gestão eficaz e eficiente das escolas dos Açores, como se tem visto ao longo do tempo. Contudo, algumas dimensões do exercício da liderança devem merecer uma atenção especial, considerando a relevância que assumem no desempenho global da escola.

Se, no início do Projecto PAIDEIA, nenhum dos elementos do CE da Escola tinha qualquer formação na área da liderança ou da administração escolar, actualmente, dada a oportunidade prevista no projecto, todos os membros do CE da Escola tiveram possibilidade de frequentar formação específica no estrangeiro, relacionada com questões de administração

escolar. Assim, dois membros (vice-presidentes) fizeram formação, em regime de *job shadowing*, na Alemanha, na área específica da gestão de redes informáticas e na implementação de laboratórios digitais, enquanto dois outros participaram num evento formativo na Finlândia, na área do *benchmarking* educativo, comparando organizações de sistemas educativos estrangeiros, estratégias de liderança e de operacionalização pedagógica e dispositivos de avaliação.

Considerando estes factos, parece poder concluir-se que o CE da Escola, a partir do Projecto PAIDEIA, estará dotado de mais e melhores competências para o exercício das suas funções, nomeadamente as que se prendem com a promoção da inovação na Escola.

6. Práticas de Autoavaliação

O sistema educativo regional exigiu às escolas, no ano letivo 2012/2013, um relatório de auto-avaliação relativo ao ano letivo 2011/2012, ano de abertura da escola. Foi criada uma comissão para o efeito, no âmbito do Conselho Pedagógico da escola, e o relatório foi apresentado no final do ano letivo de 2012/2013. Este constituiu o único processo formal de autoavaliação desenvolvido na Unidade Orgânica, até à data, dado que é coincidente com o abandono, por parte das agendas políticas regional e nacional, deste tipo de procedimentos nas Escolas.

Foram sendo realizadas análises estatísticas avulsas ao longo do quadriénio 2013-2016, mas práticas regulares de autoavaliação têm, até agora, sido estranhas à escola.

De acordo com as respostas recolhidas no questionário aplicado aos professores da escola, chega-se à conclusão de que apenas 12,8% dos professores inquiridos já tinham desenvolvido atividades de auto-avaliação no início do projecto.

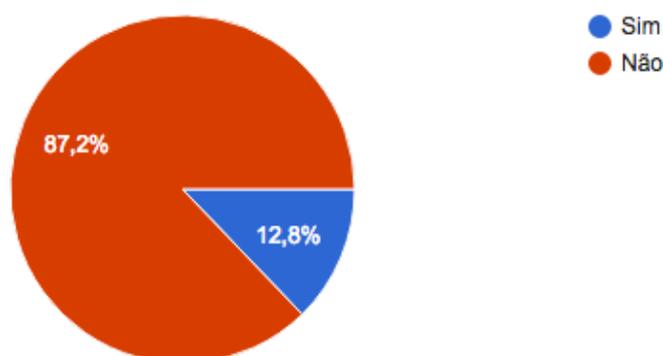


Gráfico 2 – Participação em actividades de auto-avaliação escolar até 2015/2016

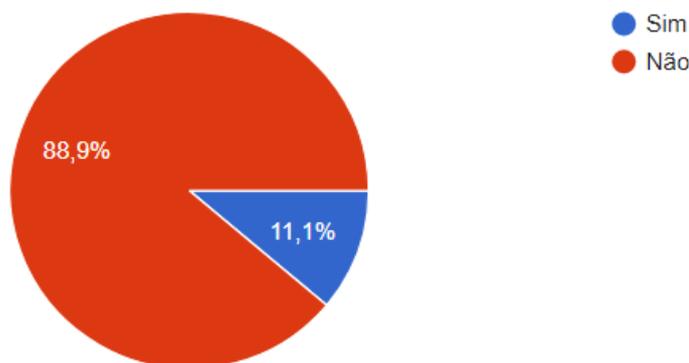


Gráfico 2 – Participação em actividades de auto-avaliação escolar até 2017/2018

De acordo com o Gráfico 2, verifica-se que a percentagem de professores envolvidos em actividades de auto-avaliação escolar diminuiu, o que pode parecer algo surpreendente, atendendo ao esforço realizado neste sentido no projecto. Contudo, não são de estranhar estes resultados quando combinados com as análises precedentes: profissionais de educação da Escola, nomeadamente professores do quadro, mudaram de escola, e as práticas de auto-avaliação que este projecto promoveu não estão ainda disseminadas na organização, apesar de estar já estabelecido o seu início no próximo ano lectivo e de ter já sido criada a equipa para o efeito. Assim, pode concluir-se que o número de pessoas já envolvidas em actividades de auto-avaliação é o mesmo.

Porém, os resultados do projecto PAIDEIA foram muito significativos neste âmbito: a parceira mais sólida da Escola, com o Prof. Doutor Xavier Xavarría, foi muito reforçada no decorrer do projecto; a Escola promoveu mesmo a sua vinda aos Açores e a dinamização de uma palestra sobre a temática, para a qual todos os docentes foram convocados; foi elaborado um projecto europeu sobre auto-avaliação, no qual a Escola é parceira, juntamente com escolas e outros parceiros da França, Itália, Espanha e Estónia (Projecto SEED: Self Evaluation and Exchange Data), o qual foi apresentado a candidatura no âmbito da Acção-Chave 2 do Programa Erasmus+; e está já constituída a equipa de auto-avaliação da Escola, composta por 5 professores de todos os ciclos de ensino.

Assim, não só se aguarda o início do processo de auto-avaliação no próximo ano lectivo como a integração dos seus resultados nos processos rotineiros de decisão da Escola e na sua rede de parcerias europeias.

7. Programas de Escolarização em desenvolvimento

Ciclo/Modalidade	N.º Turmas 2015/2016	Alunos 2015/2016	N.º Turmas 2017/2018	Alunos 2017/2018
Educação Pré-Escolar	6	77	5	77
1.º Ciclo	13	206	14	207
2.º Ciclo	6	103	6	107
3.º Ciclo	7	136	6	163
Programas Específicos do Regime Educativo Especial	7	62	6	52
UNECA	1	10	2	10

Quadro 4 – Programas de escolarização em desenvolvimento – Avaliação inicial e final

8. Projetos da Unidade Orgânica

Nesta categoria, foram incluídos projetos que consubstanciam a estratégia educativa adotada pela escola, tendo por isso sido debatidos nos seus órgãos pedagógicos e administrativos. Não estão incluídos nesta categoria os projetos de departamento, núcleo ou sala de aula, apesar da relevância dos mesmos na generalidade das atividades da escola.

Fénix

Ano de Escolaridade	Áreas Curriculares	Alunos 2015/2016	Alunos 2017/2018
7.º	Matemática	41	
8.º	Matemática	44	41
9.º	Português	32	
	Matemática	32	42

Quadro 5 – Projecto Fénix – Avaliação inicial e final

Crédito Horário

(aumento semanal de 45 minutos às disciplinas de Português e Matemática)

Ano de Escolaridade	Áreas Curriculares	Alunos 2015/2016	Alunos 2017/2018
5.º	Português	56	33
	Matemática	56	33
6.º	Português	46	62
	Matemática	46	62
7.º	Português	41	41
8.º	Português	44	41
9.º	Português	18	42
	Matemática	18	

Quadro 6 – Crédito horário – Avaliação inicial e final

Projecto Parlamento Jovens

Ano de Escolaridade	N.º alunos envolvidos 2015/2016	N.º Professores 2015/2016	N.º alunos envolvidos 2017/2018	N.º Professores 2017/2018
7.º	10	5	243	12
8.º	10			
9.º	10			
Total	30	5	243	12

Quadro 7 – Projecto Parlamento dos Jovens – Avaliação inicial e final

Nota: na contagem de alunos e professores envolvidos em 2017/2018 foi seguido um método diferente, englobando todos os alunos que participaram no acto eleitoral e em debates preparatórios, dos 2.º e 3.º ciclos, e não apenas os alunos que apresentaram candidatura ao projecto através de lista própria.

Projeto Erasmus +

Projeto	N.º alunos envolvidos 2015/2016	N.º Professores 2015/2016	N.º alunos envolvidos 2017/2018	N.º Professores 2017/2018
<i>Climate Change (KA2)</i>	40	5	Projecto concluído em Agosto de 2017	
<i>Eurhome (KA2)</i>	44	8	42	10
<i>OMIT (KA2)</i>	<i>Não existente</i>		42	14
<i>Clube eTwinning</i>	<i>Não existente</i>		15	3
Total	84	13	99	27

Quadro 8 – Projecto Erasmus + – Avaliação inicial e final
Iniciativas Unesco

Projeto	N.º alunos envolvidos 2015/2016	N.º Professores 2015/2016	N.º alunos envolvidos 2017/2018	N.º Professores 2017/2018
<i>Sandwatch</i>	20	2	41	15
<i>World Heritage</i>	94	8		
<i>Dia da UNESCO</i>			40	5
<i>Dia da Paz</i>			160	2
<i>Literacia do Oceano</i>			107	12
Total	114	10	348	34

Quadro 9 – Iniciativas Unesco – Avaliação inicial e final

Projecto Eco-Escola

Ano de Escolaridade	N.º alunos envolvidos 2015/2016	N.º Professores 2015/2016	N.º alunos envolvidos 2017/2018	N.º Professores 2017/2018
2.º e 3.º ciclos	300	30	527	50

Quadro 10 – Projecto Eco-Escola – Avaliação inicial e final
PAFC (Projecto de Autonomia e Flexibilidade Curricular)

Projeto	N.º alunos envolvidos 2015/2016	N.º Professores 2015/2016	N.º alunos envolvidos 2017/2018	N.º Professores 2017/2018
PAFC 1.º Ciclo	<i>Não existente</i>		15	5
PAFC 2.º Ciclo			40	11
PAFC 3.º Ciclo			41	17
Total	<i>Não existente</i>		96	33

Quadro 11 – Projecto de Autonomia e Flexibilidade Curricular – Avaliação inicial e final

Da análise dos dados constantes acima podemos concluir que, no que se refere aos projectos de promoção do sucesso educativo da responsabilidade de entidades externas à Escola, nomeadamente o Projecto Fénix e o Crédito Horário, há uma semelhança entre os dados do início e do final da implementação do projecto PAIDEIA. Nenhum destes projectos visa alterações significativas nas práticas educativas e a sua adesão e implementação na Escola, como, aliás, na generalidade das escolas dos Açores, é já uma prática comum que se tem traduzido em mais recursos humanos disponíveis nas escolas.

Por seu lado, quando analisados os dados referentes aos projectos de iniciativa nacional, integrados em contexto do que poderíamos designar como práticas educativas de promoção da cidadania, como o Parlamento dos Jovens e o Eco-Escolas, salienta-se um aumento do número de participantes, o que advém do facto de estes começarem a enraizar-se na cultura de Escola e terem já assegurado o seu espaço nas representações que os alunos fazem daquilo que a Escola espera deles, à medida que evoluem no seu percurso escolar.

Já quando atentamos nos números que se referem a projectos que reflectem directamente práticas nas quais o Projecto PAIDEIA visava uma intervenção directa, como é o caso dos dados relativos a projectos Erasmus+ KA2 e iniciativas UNESCO, constatamos que o aumento dos valores que reflectem o envolvimento de alunos e professores é uma constante ao longo da duração deste projecto, o que espelha o sucesso da estratégia de internacionalização da Escola nele prevista. Os dados evidenciam claramente uma maior abertura e conseqüente envolvimento dos profissionais de educação da Escola na concretização de projectos internacionais, seja sob a forma de parcerias Erasmus+ ou através de parcerias *eTwinning*.

O Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular – PAFC – foi um desafio lançado pelo Ministério da Educação no presente ano lectivo através do qual eram disponibilizadas franjas de autonomia de gestão curricular às escolas para a promoção de uma educação de qualidade, assente na relevância das aprendizagens, e para o aumento do sucesso educativo. A adesão a este projecto fez-se num regime de voluntariado, contando com a participação de apenas 236 escolas no todo nacional, 5 das quais nos Açores. A EBI Francisco Ferreira Drummond, nos Açores, esteve na linha da frente na adesão ao projecto, nos três ciclos do ensino básico, tendo os seus professores mobilizado muito rapidamente sinergias para a inovação.

O projecto decorreu ao longo de todo o ano lectivo, exigindo um esforço conjunto de alunos e professores e uma aprendizagem de novas práticas que, normalmente, estão arredadas do quotidiano educativo das nossas escolas. O trabalho desenvolvido, muitas vezes alheio à formação inicial dos professores da Escola, foi experimental e assente numa base de tentativa/avaliação/correção, onde nem sempre se tomaram as melhores decisões, mas onde sempre foi possível corrigir itinerários atempadamente.

O que importa salientar na adesão e implementação do PAFC na Escola é a disponibilidade que nela se regista agora para a inovação, postura que é indissociável de práticas reflexivas sobre o trabalho desenvolvido, e que aponta a nossa Escola para o Século XXI. Esta atitude e esta disponibilidade para a inovação podem ser consideradas consequências directas da internacionalização da Escola e do desenvolvimento do Projecto PAIDEIA.

9. Trabalho Colaborativo

Constatámos já que o sistema educativo português não tem sido particularmente encorajador de iniciativas de trabalho colaborativo, o qual tem sido sistematicamente relegado para áreas curriculares específicas e de carácter eminentemente prático, por exemplo EVT, ou para outras atividades que não as letivas.

A nossa escola avançou, além daquelas, com propostas de trabalho colaborativo nas áreas curriculares de Português e Matemática, no âmbito da sua autonomia pedagógica, práticas que se resumem ao contexto letivo do desempenho profissional do professor, não estando disseminadas por outros contextos, nomeadamente o da formação contínua em contexto de desempenho profissional.

Esta era a situação inicial da Escola, em 2016, como de resto será a situação de muitas outras escolas no país, e na qual o projecto PAIDEIA se propunha a intervir.

O projecto PAIDEIA projectou a sua intervenção neste domínio de várias formas: todas as mobilidades previstas, à excepção das indexadas aos técnicos do SPO, supunham a sua concretização através da constituição de uma equipa de dois ou três elementos; no primeiro caso tínhamos as mobilidades indexadas à liderança da Escola e uma mobilidade indexada à equipa de auto-avaliação; no segundo, todas as mobilidades indexadas a equipa de inovação e ainda uma das mobilidades atribuída à equipa de auto-avaliação; por outro lado, o projecto

previa explicitamente a constituição de equipa de inovação, cujos critérios de constituição incluíam três membros por equipa, preferencialmente um de cada ciclo de ensino.

Paulatinamente, no entanto, nos últimos dois anos lectivos, o trabalho colaborativo foi começando a ocupar o seu espaço nas práticas quotidianas dos professores da Escola, o que caucionou um incremento dos projectos em que esta se envolveu e que pressupunham uma nova forma de trabalhar, que vai além das paredes da sala de aula.

Assim, a título de exemplo poderemos encontrar operacionalizados na nossa Escola:

1. Um alargamento significativo das equipas envolvidas nos projectos KA2, que, pelo seu cariz, levam a um aumento do trabalho colaborativo entre alunos e entre professores em torno de uma temática comum. A pesquisa, preparação e apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos exige que cada professor contribua, dentro da sua área curricular, para a sua qualidade e que seja parte activa na tomada de decisões relativas ao rumo de cada projecto. Isto pode ser corroborado pelas reuniões regulares que ocorreram entre os professores da equipa Erasmus+, pela referência permanente a estes projectos nas reuniões de conselho de turma das turmas envolvidas e mesmo pelos trabalhos que resultaram dos vários projectos, nos quais era evidente o contributo de cada área curricular.
2. A implementação da área curricular de História, Geografia e Cultura dos Açores no 6º e no 8º ano de escolaridade, leccionada em par pedagógico, por docentes de diferentes áreas curriculares (Ciências da Natureza e História, Geografia de Portugal, no 6º ano, e História e Geografia, no 8º ano).
3. A frequência do MOOC (*Massive Open Online Course*) sobre o Projecto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, no qual, a convite do Conselho Executivo, se inscreveram muitos professores da Escola. Este MOOC traduziu-se numa dinâmica muito interessante, na medida em que os professores trabalharam em conjunto, em regime de voluntariado e prolongando as suas horas de permanência na Escola, para realizar tarefas que, *a priori*, eram individuais. Entre pares houve comunicação, troca de ideias e conhecimentos e aprendizagem mútua.
4. O desenvolvimento, ao longo do presente ano lectivo, do Projecto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, cujo funcionamento e subsequente sucesso está assente no desenvolvimento do trabalho colaborativo, não só dos alunos como também dos professores. Pode referir-se que, por exemplo os Domínios de Autonomia Curricular (áreas de confluência de trabalho interdisciplinar ou de articulação curricular) que foram implementados se traduziram num efectivo trabalho colaborativo entre os professores envolvidos, exigindo que estes pusessem de lado o individualismo e isolamento que, aparentemente caracteriza cada área curricular, e trabalhassem no sentido de encontrar o que de comum existe entre elas. Este trabalho colaborativo foi ocorrendo ao longo de todo o ano lectivo, dado que o Projecto de Autonomia e Flexibilidade Curricular foi uma novidade e um desafio para todos os envolvidos e contou com uma hora semanal comum,

definida no horário de cada professor, e na qual podiam planificar trabalho, partilhar experiências e tomar decisões.

5. Nas disciplinas de Matemática e Português está a ser implementado o par pedagógico, beneficiando da disponibilidade de recursos humanos existentes na Escola. O trabalho colaborativo entre os professores envolvidos inicia-se fora da sala de aula, na preparação e planificação das actividades lectivas, tem continuidade dentro da sala de aula, com os professores a trabalharem em conjunto e termina já fora da sala, com a avaliação das aprendizagens na qual ambos colaboram. Desta forma de trabalho colaborativo resulta um significativo benefício para a aprendizagem dos alunos devido ao apoio individualizado e à diferenciação pedagógica que é possível ocorrer.
6. O Projecto Fénix, que teve lugar no 8º e no 9º ano de escolaridade, na disciplina de Matemática e no qual estavam envolvidas três professoras assume-se como um excelente exemplo de trabalho colaborativo. Além de estar definido no horário de cada professora um tempo lectivo (45 minutos) para trabalho conjunto, este consubstanciou-se noutros momentos de trabalho, dentro e fora da sala de aula. Colaborativamente, as professoras definiram os alunos a integrar os ninhos ao longo do ano lectivo, planificaram as aulas, prepararam actividades de avaliação e avaliaram os alunos.
7. No núcleo de Porto Judeu foi desenvolvido um projecto no âmbito da literacia dos oceanos, em que cada turma trabalhou sobre um oceano e do qual resultou uma notória alteração do espaço da Escola, estando a temática presente em todos os seus recantos e sempre viva na memória dos alunos.
8. Os Ateliers de Actividades de Educação de Infância nos quais, no período da tarde, as turmas de origem são desfeitas e os todos os alunos são convidados a circular pelas várias salas, organizadas sob a forma de ateliers específicos.

Todas estas novas formas de trabalho foram dinamizadas recentemente na Escola, cortando, algumas delas, com práticas há longa data enraizadas, na Escola e na própria noção de profissionalidade docente. A Escola entrou agora numa fase em que não só se torna mais robusta a ideia de que o professor não é uma ilha, trabalhando isoladamente entre as paredes da sua sala de aula, como surgiram e foram adoptadas práticas que podem dar corpo a um trabalho colaborativo de articulações múltiplas. Aliás, em 2017 o *slogan* da Escola e do seu projecto educativo evidenciam esta mudança: “Juntos fazemos sucesso”.

As mudanças foram encetadas a partir do momento em o Projecto PAIDEIA foi iniciado na Escola. Mais do que uma mera coincidência temporal, pode afirmar-se que este em muito contribuiu para estas alterações, ao ter possibilitado a vários professores, organizados em equipas de inovação, o contacto com realidades diferentes da sua e que os confrontaram com diferentes formas de trabalhar, obrigando-os a pensar e agir de forma colaborativa.

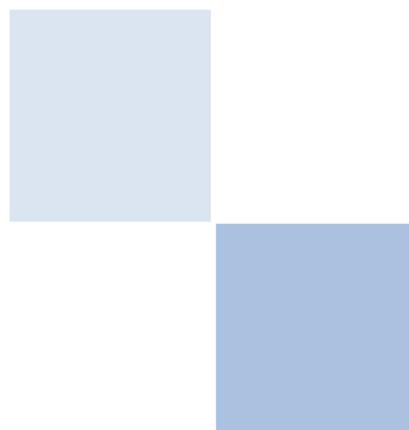
10. Professores e Técnicos Superiores com Formação Específica em Orientação Pedagógica e Vocacional

O Serviço de Psicologia e de Orientação – SPO – que, ao início deste projecto era assegurado na Escola por técnicos superiores com formação em Psicologia, em regime de substituição temporária e ao abrigo de programas de apoio ao emprego jovem, conta agora com uma psicóloga em lugar de quadro.

Foi deixado ao critério do SPO, em articulação com o Conselho Executivo, as formações que deveriam frequentar no âmbito do projecto PAIDEIA e após uma tentativa inicial de concretizar estas formações em regime de *job shadowing*, infelizmente infrutífera, foi decidida a frequência de eventos formativos para ambas as mobilidades.

Assim, a Escola passou a contar no seu SPO com técnicos mais dotados de competências nas áreas de abandono escolar precoce e necessidades educativas especiais. Infelizmente, um deste técnico assegurou uma posição permanente noutra escola do serviço público de educação, o que, penalizando a Escola no cumprimento dos objectivos do projecto PAIDEIA, assegura a alocação destas competências ao serviço público de educação.

RESULTADOS ESCOLARES



1. Avaliação

A partir dos indicadores fornecidos pelos documentos da estatística interna da escola, relatórios de avaliação interna/externa dos anos terminais de ciclo e outros documentos, foi feita uma análise das taxas do sucesso/insucesso nos vários ciclos de escolaridade, e das classificações da escola na avaliação externa no início e no fim do projecto.

Taxa de Sucesso por ano de Escolaridade 2015/2016					
Ano de escolaridade	Avaliados	Progressões		Retenções	
	Total de Alunos Avaliados	Total de Alunos Aprovados	Percentagem de Alunos Aprovados	Total de Alunos Retidos	Percentagem de Alunos Retidos
1º	57	57	100	0	0
2º	51	46	93,9	3	6,1
3º	48	48	100	0	0
4º	52	52	100	0	0
5º	47	46	97,9	1	2,1
6º	54	52	96,3	2	3,7
7º	47	45	95,7	2	4,3
8º	54	53	98,1	1	1,9
9º	42	37	88,1	5	11,9

Quadro 12- Progressão e retenção em 2015/2016, por ano de escolaridade

Taxa de Sucesso por ano de Escolaridade 2017/2018					
Ano de escolaridade	Avaliados	Progressões		Retenções	
	Total de Alunos Avaliados	Total de Alunos Aprovados	Percentagem de Alunos Aprovados	Total de Alunos Retidos	Percentagem de Alunos Retidos
1º	41	41	100,0	0	0,0
2º	48	46	95,8	2	4,2
3º	55	54	98,2	1	1,8
4º	62	60	96,8	2	3,2
5º	33	33	100,0	0	0,0
6º	62	60	96,8	2	3,2
7º	38	36	94,7	2	5,3
8º	41	36	87,8	5	12,2
9º	42	42	100,0	0	0,0

Quadro 13- Progressão e retenção em 2017/2018, por ano de escolaridade

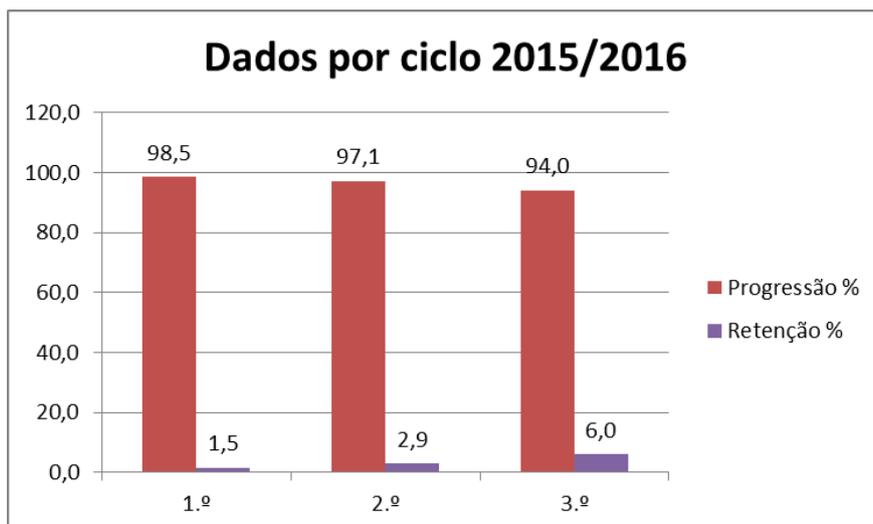


Gráfico 3 – Progressão e Retenção 2015/2016, por ciclo de escolaridade

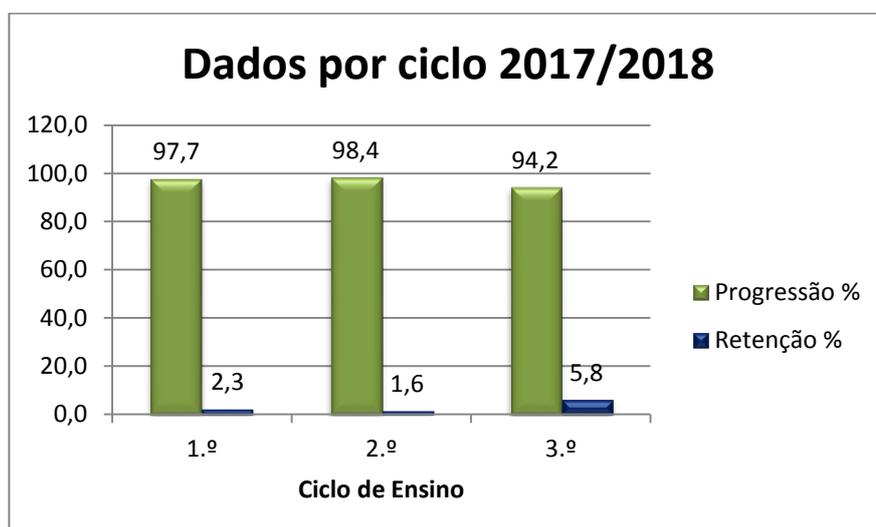


Gráfico 4 – Progressão e Retenção 2017/2018, por ciclo de escolaridade

A análise relativa à progressão e retenção do primeiro ao terceiro ciclos no ano lectivo anterior ao início do Projecto PAIDEIA (2015/2016) e do final do ano lectivo em que este terminou (2017/2018) mostra que os valores se mantiveram estáveis, não sendo possível traçar uma relação directa entre a implementação do projecto e os seus efeitos neste indicador. Se houve uma ligeira descida das retenções nos segundo e terceiro ciclos, houve também uma ténue subida desta no primeiro ciclo.

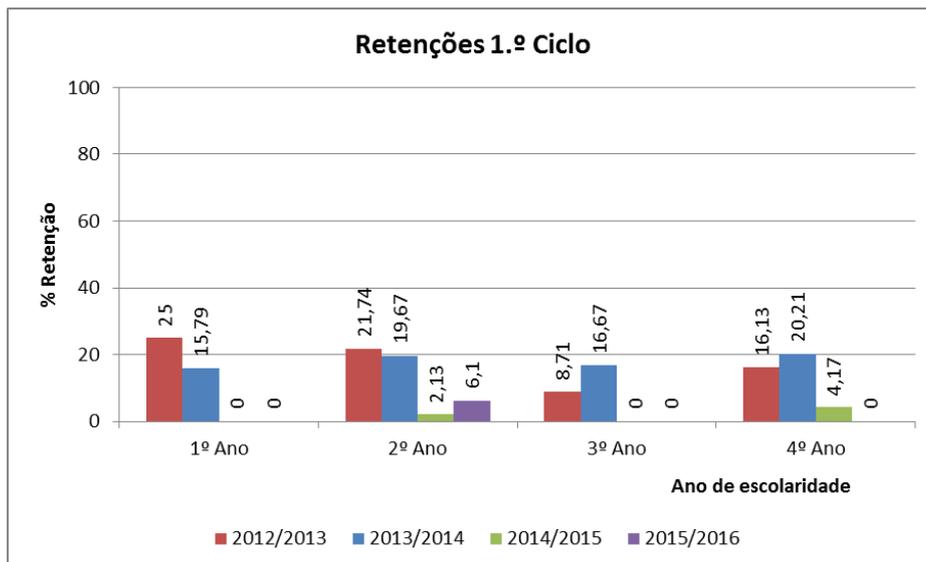


Gráfico 5 – Retenções do 1.º ciclo entre 2012 e 2016

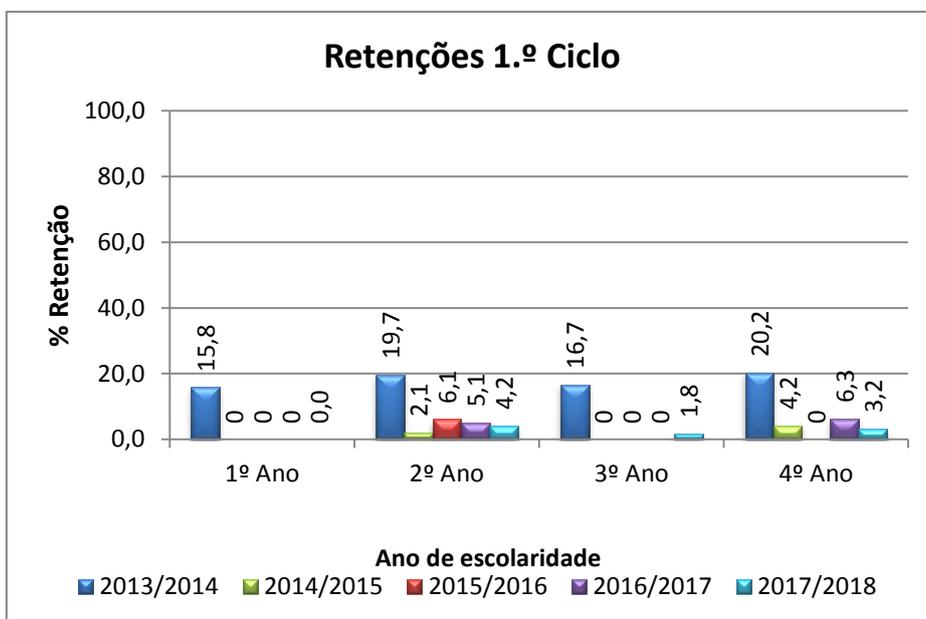


Gráfico 6 – Retenções do 1.º ciclo entre 2013 e 2018

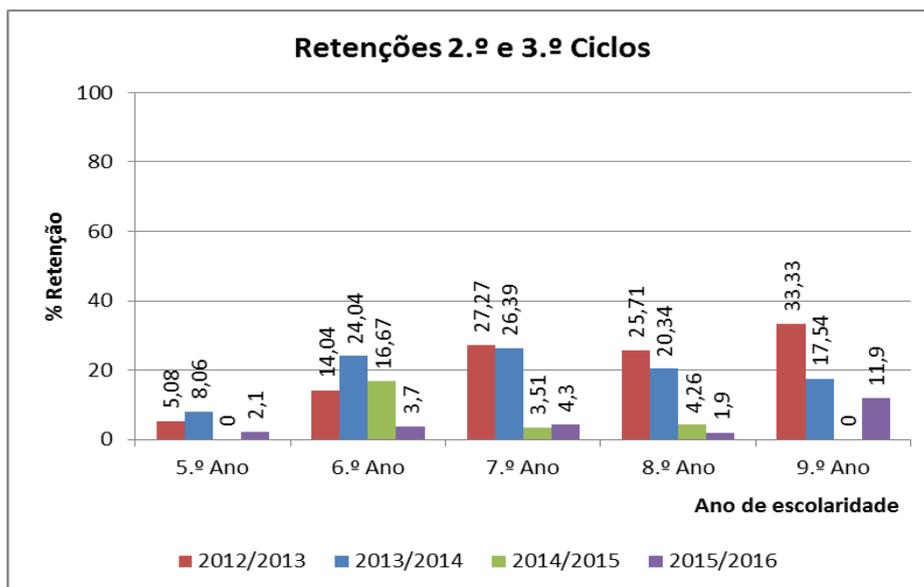


Gráfico 7 - Retenções dos 2.º e 3.º ciclos entre 2012 e 2016

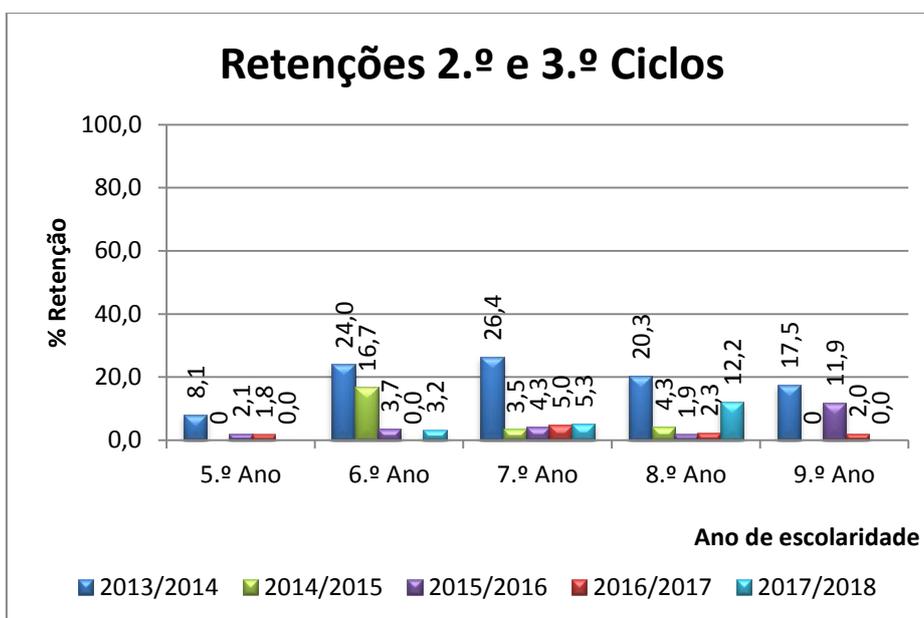


Gráfico 8 - Retenções dos 2.º e 3.º ciclos entre 2013 e 2018

A análise dos indicadores internos relativos ao conjunto dos últimos anos evidencia dados relevantes no que concerne ao sucesso dos alunos. Neste sentido, pode observar-se que, em todos os ciclos de escolaridade, se tem registado uma significativa descida do número de retenções, sendo disso exemplo os valores registados no ano lectivo 2012/2013, no 9º ano de escolaridade, 33,33% dos alunos (1/3 dos alunos), e os registados no presente ano lectivo, no mesmo ano de escolaridade, no qual nenhum aluno ficou retido.

As melhorias que devem ser assinaladas podem ser corroboradas pela análise dos dados relativos à avaliação externa. No ano de 2016 verificou-se que a discrepância dos resultados alcançados pelos alunos da Escola relativamente às médias regional e nacional era

mais significativa do que a do ano de 2018. Deve frisar-se, mesmo, que os resultados da área curricular de Português no ano de 2018 ficaram 1,3% acima da média regional. Apesar de haver um longo caminho a percorrer, especialmente no que respeita à área curricular de Matemática, para se conseguir, pelo menos estar acima dos 50% e, portanto, no nível 3, nota-se que já houve, por parte dos alunos um maior trabalho desenvolvido.

Não obstante não se possa atribuir esta assinalável melhoria directamente ao Projecto PAIDEIA, a verdade é que a abertura da Escola à Europa se tem traduzido na introdução de novas práticas pedagógicas mais centradas no aluno e promotoras do seu sucesso.

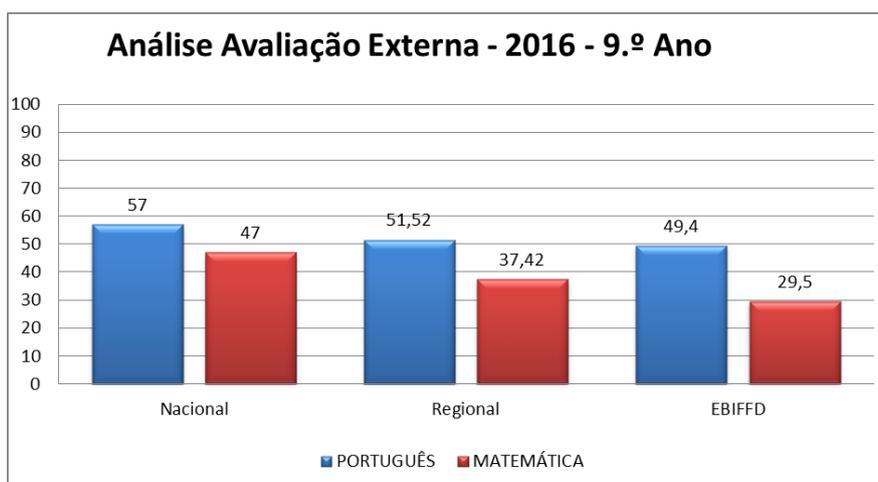


Gráfico 9 – Análise comparativa da média da escola com as médias nacional e regional, em 2016

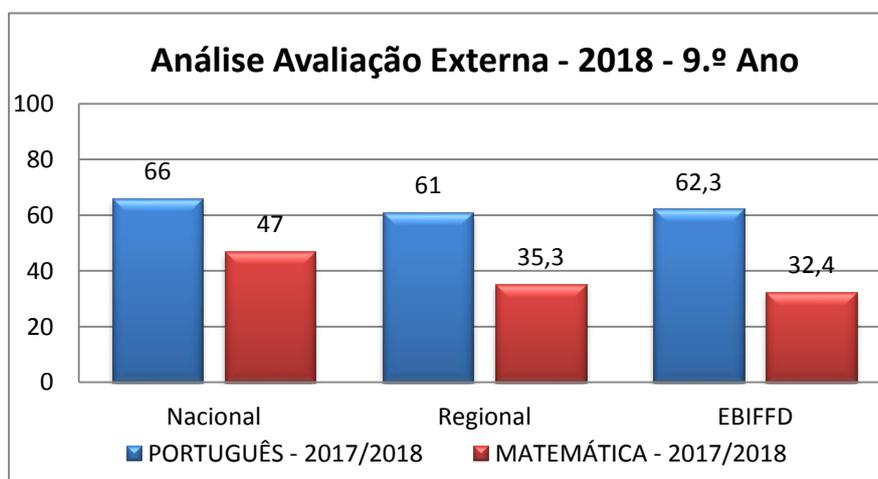


Gráfico 10 – Análise comparativa da média da escola com as médias nacional e regional, em 2018

Uma vez que o Projeto PAIDEIA incide no seu mapa conceptual nas áreas de ensino da língua estrangeira e no ensino experimental das ciências, torna-se relevante a análise destas áreas curriculares na escola, uma vez que se esperam alterações e melhorias na sua *performance* no âmbito da escola.

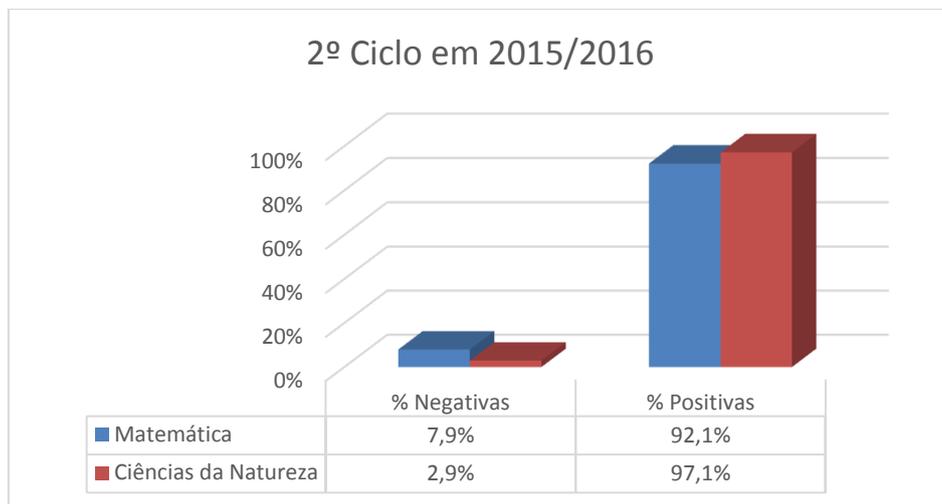


Gráfico 11 – Análise da avaliação interna do final do 2.º ciclo, nas áreas curriculares de Matemática e Ciências da Natureza, no ano lectivo 2015/2016

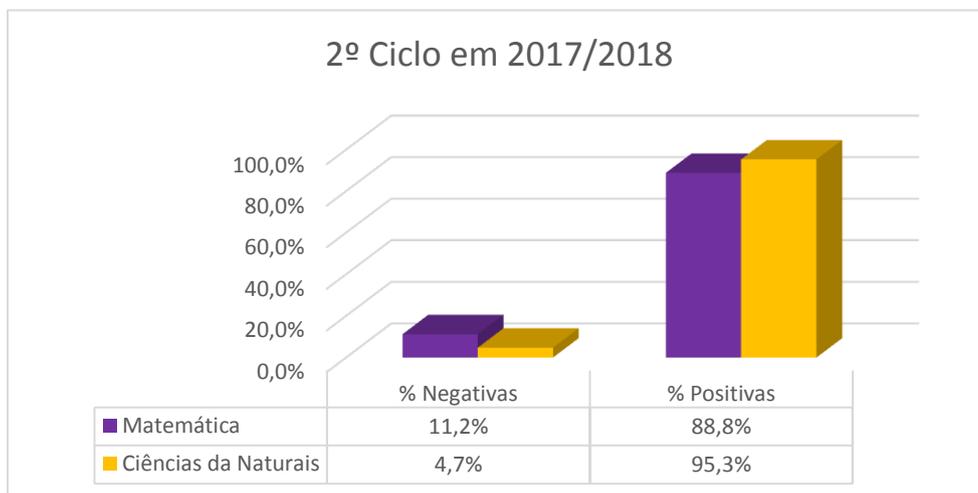


Gráfico 12 – Análise da avaliação interna do final do 2.º ciclo, nas áreas curriculares de Matemática e Ciências da Natureza, no ano lectivo 2017/2018

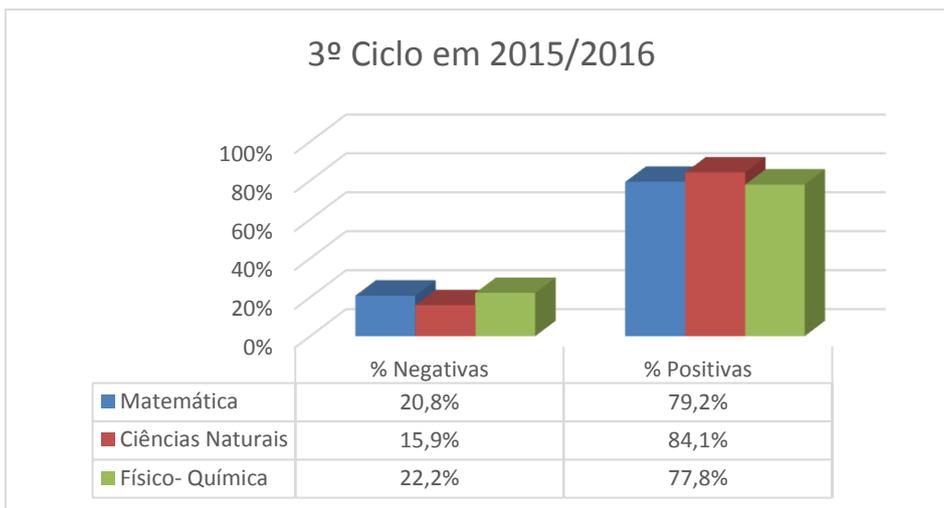


Gráfico 13 – Análise da avaliação interna do 3.º ciclo, nas áreas curriculares de Matemática, Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas, no ano lectivo 2015/2016

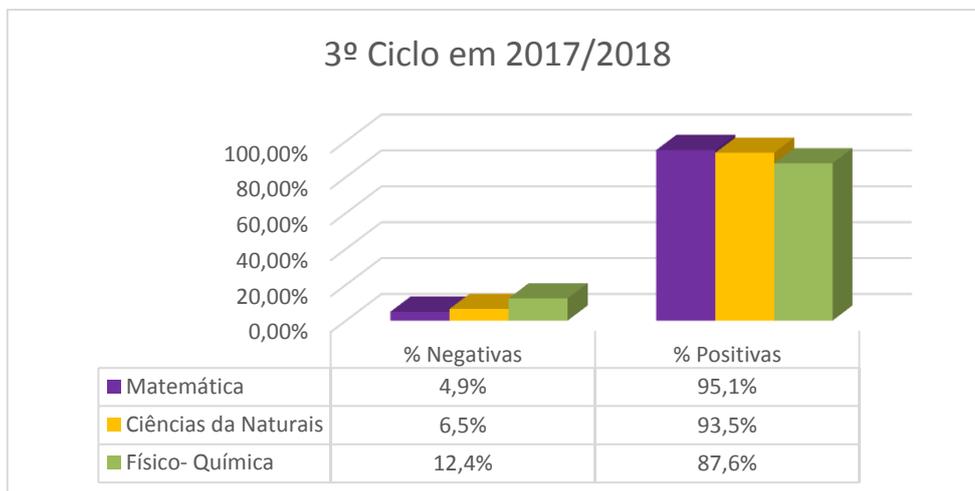


Gráfico 14 – Análise da avaliação interna do 3.º ciclo, nas áreas curriculares de Matemática, Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas, no ano lectivo 2017/2018

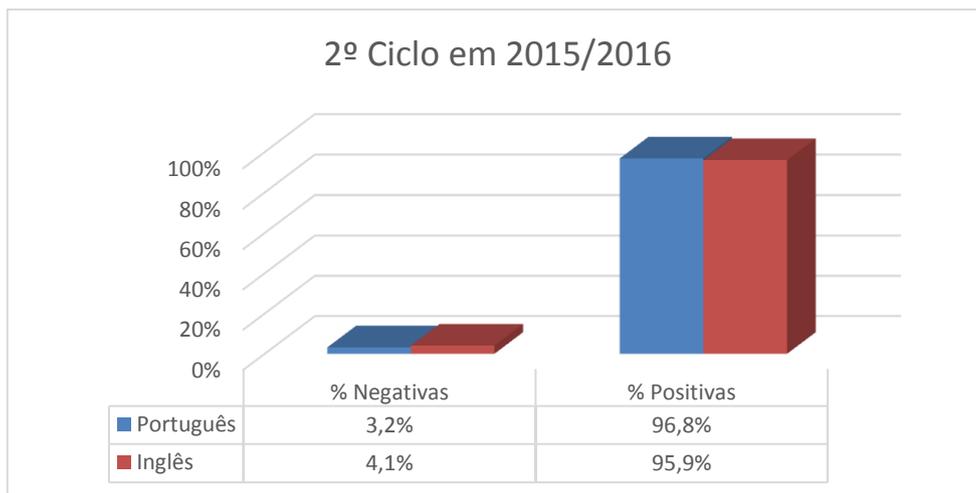


Gráfico 15 -Análise da avaliação interna do final do 2.º ciclo, nas áreas curriculares de Português e Inglês, no ano lectivo 2015/2016

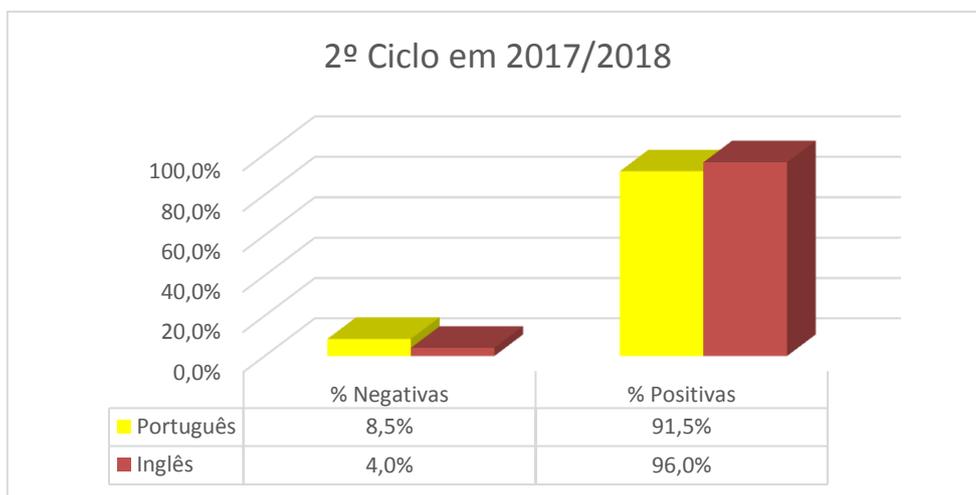


Gráfico 16 -Análise da avaliação interna do final do 2.º ciclo, nas áreas curriculares de Português e Inglês, no ano lectivo 2017/2018

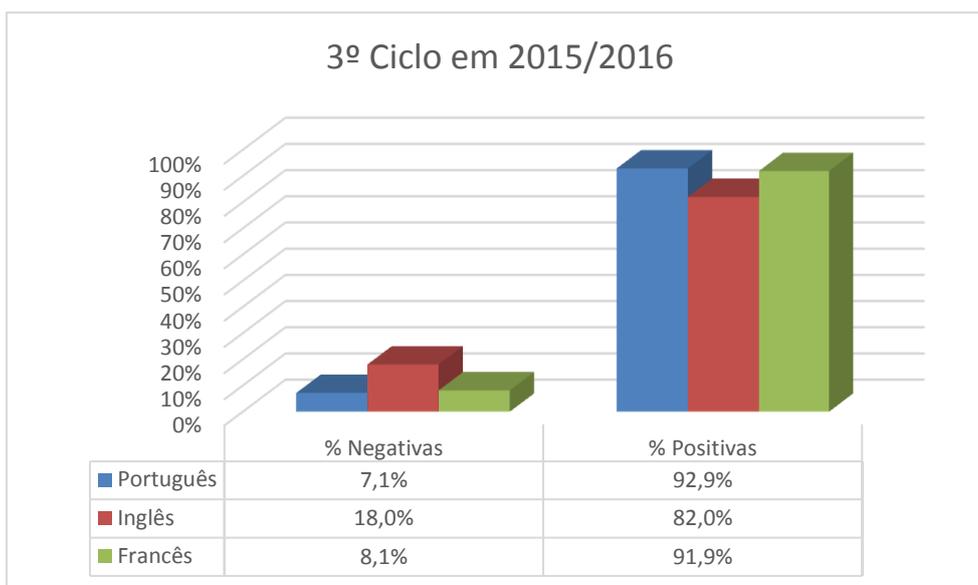


Gráfico 17 - Análise da avaliação interna do final do 3.º ciclo, nas áreas curriculares de Português, Inglês e Francês, no ano lectivo 2015/2016

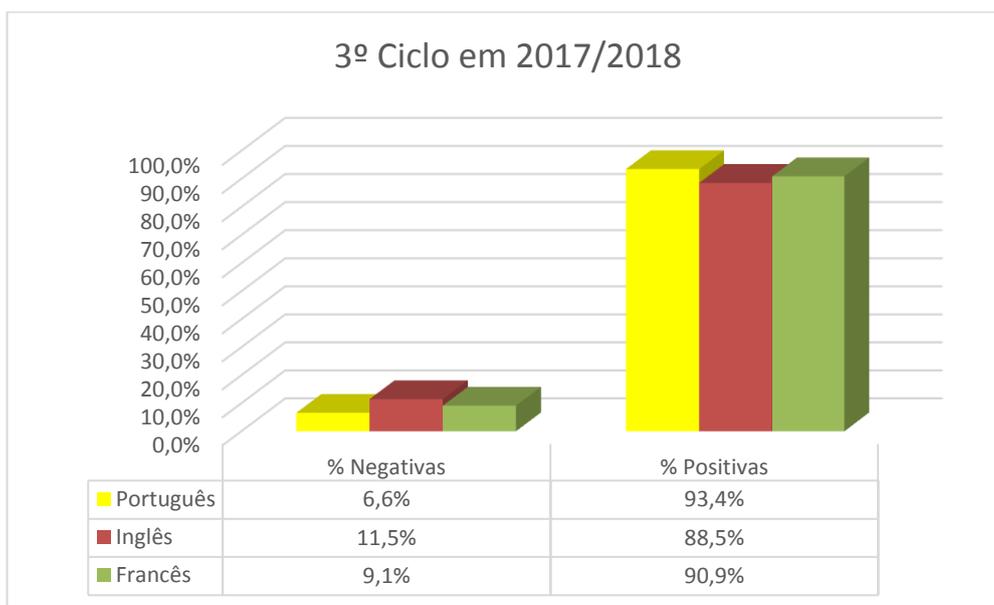


Gráfico 18 - Análise da avaliação interna do final do 3.º ciclo, nas áreas curriculares de Português, Inglês e Francês, no ano lectivo 2015/2016

Os dados apresentados permitem perceber que houve uma clara melhoria dos resultados alcançados nas áreas curriculares relacionadas com o ensino experimental das ciências, exceptuando-se apenas a Matemática, no segundo ciclo de escolaridade.

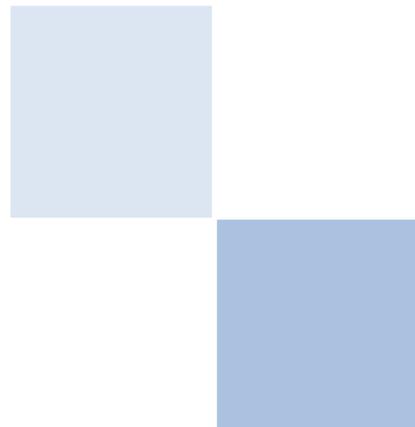
No que concerne ao ensino das línguas verificou-se igualmente uma ligeira melhoria, a qual se circunscreveu ao 3º ciclo, uma vez que, no 2º ciclo os resultados a Português foram menos satisfatórios no presente ano lectivo, quando comparados como os do ano lectivo 2016/2017 e que no Inglês os valores se mantiveram.

No 3º ciclo, a área curricular de Inglês foi aquela em que se verificou uma melhoria mais significativa, o que pode estar relacionado com o crescente processo de internacionalização da Escola.

Estes resultados podem ser considerados satisfatórios e espelham vários factores, nomeadamente: a implementação de projectos de promoção do sucesso escolar, como o Fénix (na área curricular de Matemática, no 3º ciclo, no 8º e 9º ano de escolaridade) e o Prosucesso (Programa Regional de Promoção do Sucesso Escolar); a adopção do par pedagógico (na área curricular de Matemática, no 3º ciclo, no 7º ano de escolaridade); a formação proporcionada aos docentes no âmbito do projecto PAIDEIA, dotando-os de mais competências para fomentar o desenvolvimento de aprendizagens específicas destas áreas curriculares, e o subsequente efeito de contágio nos restantes professores da Escola, os quais, movidos pela curiosidade e vontade de aprender, também implementaram práticas e inovações trazidas pelas equipas de inovação; e a maior abertura dos órgãos de gestão da Escola, que tendo também estado envolvidos no Projecto PAIDEIA, assumiram um papel mais interventor no que respeita à promoção do sucesso escolar e incrementaram o investimento em áreas cruciais para a educação do século XXI, como as tecnologias digitais.



PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ESCOLA



O grosso das atividades de uma escola são as suas práticas educativas, as formas como leva as novas gerações a participarem da herança de conhecimento e de crenças que constituem o legado civilizacional que cabe à escola transmitir.

Contudo, a larga maioria destas práticas ocorre dentro do espaço da sala de aula, o qual é, tradicionalmente, o espaço privilegiado da relação entre um professor e os seus alunos. Apesar de várias tentativas recentes, nomeadamente através da avaliação de desempenho docente, este espaço não é, ainda, um espaço aberto à escola, cujas rotinas sejam conhecidas por todos, debatidas em grupo ou sequer institucionalmente partilhadas. É sempre, por isso, mais fácil falar da exceção do que da norma, porque a exceção constituiu o que, por regra, é debatido em grupo, partilhado na escola, e tem uma fronteira difusa entre a autoridade individual do professor e a responsabilidade institucional da escola, com os seus órgãos deliberativos e os seus grupos de trabalho, mesmo que *ad hoc*.

Em 2016, dizíamos que não se poderiam abordar as práticas educativas da nossa Escola sem referir, logo de início, que a Escola seguia preferencialmente a norma e não a exceção, a tradição e não a inovação: a larga maioria das suas práticas educativas ocorria no espaço tradicional da sala de aula, com mesas de trabalho dispostas na forma mais tradicional – em filas, voltadas para o quadro – sob a responsabilidade de um professor; os programas de cada área curricular eram a orientação pedagógica privilegiada a seguir no seu desenvolvimento temporal e o semanário – horário de trabalho letivo para professores e alunos, organizados em turmas – a forma de organização temporal utilizada na globalidade da sua organização.

Em 2018, muitas destas realidades estão alteradas – embora ainda não todas... Continuamos a ter uma organização temporal baseada num horário semanal inflexível – mas já foram apresentadas propostas para a sua flexibilização semanal, no âmbito do PAFC, o que implicará mudanças, a um ritmo semanal, nas actividades de professores e alunos; aos programas oficiais em vigor, a Escola, na sua generalidade, conhece, domina e manipula diferentes orientações curriculares, como o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, as Aprendizagens Essenciais, o Currículo Regional do Ensino Básico, todas elas legais e em vigor na educação nos Açores; as salas de aula abandonaram a perspectiva do comboio – mesas dispostas em fila e voltadas para o quadro – para substituí-la por uma disposição em U ou, mais generalizadamente, em grupos, mais vocacionados para o trabalho colaborativo; e começam a ser criadas rotinas de trabalho escolar fora da sala de aula, privilegiando o contacto com a realidade local e a relevância das aprendizagens. As turmas começam também a ver quebrado o seu monopólio na organização de alunos: decorreram já experiências na Escola de organizações alternativas de alunos, especialmente a Matemática, no 3.º Ciclo, na qual grupos de alunos de ambas as turmas da Escola do mesmo ano circulavam por vários grupos de trabalho, cada qual orientado por um professor, de acordo com critérios diversos e variados ao longo do ano; na Educação de Infância, preparam-se os *ateliers* de

actividades, cuja frequência é independente da turma de origem; na área curricular de HGCA, na qual quatro professores operacionalizaram o seu trabalho com duas turmas em simultâneo de forma integrada; no PAFC, implementado em anos iniciais de ciclo, várias actividades foram desenvolvidas de acordo com critérios alternativos à organização em turma.

Ao contrário, portanto, do que se dizia em 2016, a Escola iniciou experiências de gestão curricular efectiva, que passam por gestão de horários, gestão de orientações curriculares, práticas alternativas de ensino/aprendizagem e de formas de avaliação, além de maior flexibilidade na organização do trabalho com alunos.

Será lícito creditar, pelo menos em parte, algumas destas alterações ao projecto PAIDEIA e às novas realidades entretanto trazidas para a Escola, como consequência das mobilidades realizadas. É verdade que outros factores devem também aqui ser tomados em linha de conta: o projecto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, implementado na Escola no lectivo 2017/2018; o Projecto de Promoção do Sucesso Escolar, que teve início no ano lectivo 2016/2017; o contingente de professores em exercício de funções em cada ano lectivo, por via das colocações de professores contratados, particularmente identificado com as ideias da Escola neste ano lectivo; a disseminação na Escola dos projectos Erasmus+ KA2, entre outros. Mas também será lícito afirmar que a própria disponibilidade da Escola para se empenhar nestes projectos de inovação, para reformular o seu PEE, para integrar com sucesso novos professores no seu projecto, decorre ela própria do influxo do projecto PAIDEIA nos vários sectores da Escola.

Veja-se agora, por indicador relevante para o Projecto PAIDEIA, de acordo com o quadro de análise definido à partida, o impacto do projecto nas concepções dos professores da Escola, de acordo com os dados recolhidos em questionário.

1. Professores que promovem abordagens experimentais das ciências

De acordo com os Gráficos 19 e 20, abaixo, verifica-se que a percentagem de professores que enquadram a sua prática na área das ciências permanece sensivelmente a mesma mas vemos reduzir o número de professores que promove abordagens experimentais, embora não de forma significativa (de 25% para 20%), valor que pode, no contexto, ser considerado irrelevante.

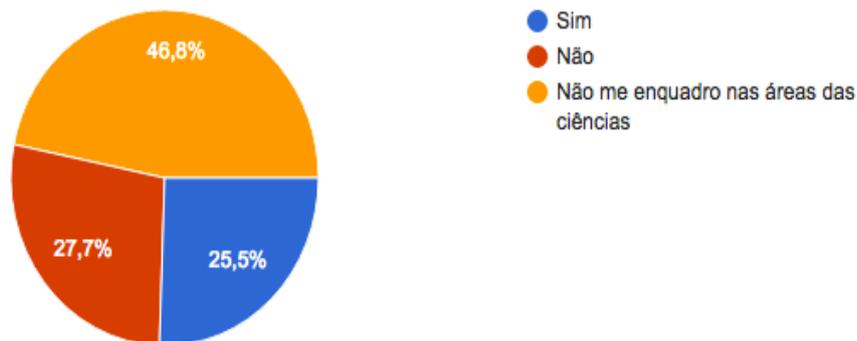


Gráfico 19 – Realização de abordagens experimentais nas ciências, setembro de 2016

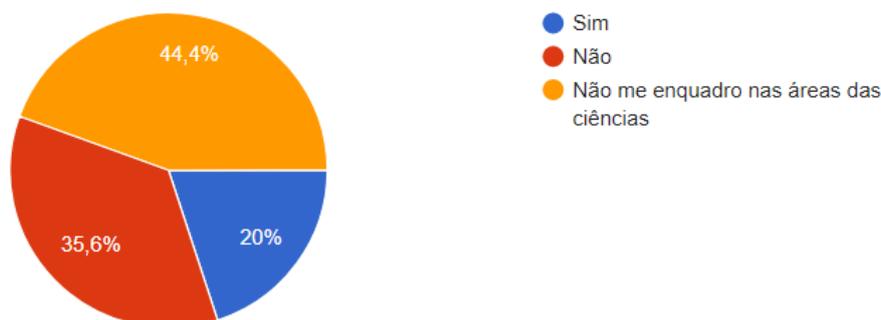


Gráfico 20 – Realização de abordagens experimentais nas ciências, junho 2018

2. N.º de Projetos Interciclos na escola

Ao contrário de 2016, onde se contavam apenas actividades parcelares desenvolvidas em simultâneo nos vários ciclos de ensino da Escola, em 2018, a Escola tem já projectos efectivos interciclos em operacionalização, com carácter de regularidade ao longo do ano lectivo.

Em primeiro lugar, deve destacar-se o Projecto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, o qual, tendo-se iniciado em 2017/2018 no primeiro ano de cada ciclo de escolaridade, mobilizou uma equipa alargada de professores de todos os ciclos, coordenada ao nível do Conselho Executivo; nas iniciativas e acções desenvolvidas pela Escola, foram notórias as influências e contribuições trazidas por professores envolvidos em mobilidades relativas ao Projecto PAIDEIA, nomeadamente na utilização das tecnologias, em estratégias de avaliação de actividades e, sobretudo, no trabalho colaborativo entre professores. A propósito do desenvolvimento deste projecto, a Escola foi apontada como exemplo de boas práticas em várias ocasiões, tendo sido convidada para a sua partilha e tendo também sido objecto de visita por parte do Secretário de Estado da Educação, em Maio de 2018.

O Projecto Musicalidades da Língua, criado e desenvolvido na Escola, mobiliza profissionais de Educação Musical do 2.º Ciclo em actividades relacionadas com a poesia e o canto na Educação de Infância e no 1.º Ciclo de ensino, em conjunto com os professores de cada turma e ao

serviço da aprendizagem da língua e do desenvolvimento de competências literárias. Ao contrário do PAFC, acima referido, este projecto interciclos foi concebido e operacionalizado na Escola, contando também com uma extensão da área curricular de Educação Musical ao 3.º Ciclo de escolaridade, o que torna a música uma área curricular presente ao longo de todo o currículo desenvolvido na Escola, em articulação com vários professores de outras áreas curriculares.

Os Jogos Desportivos Escolares (JDE), projecto do departamento regional do desporto de adesão voluntária, foi outro dos projectos interciclos lançado em 2017/2018. Embora as actividades competitivas tenham sido dirigidas apenas ao 2.º Ciclo, foram mobilizados professores e alunos de todos os ciclos de ensino para actividades como o Sarau Cultural, o acompanhamento presencial das comitivas alojadas na Escola (dia e noite), desempenhado por alunos do 3.º Ciclo, as tarefas de organização geral, tendo a Escola conseguido um desempenho, ao nível da organização, considerado excelente pelos profissionais do departamento do desporto regional.

Também o projecto Eco-escolas e as actividades relacionadas com a Rede de Escolas UNESCO (ASPNet), à qual pertence a Escola, ganharam uma dimensão transversal a todos os ciclos da Escola que não era tão frequente em anos lectivos anteriores.

Além deste projectos, marcadamente inovadores e que podemos relacionar directamente com o projecto PAIDEIA, continuamos a desenvolver projectos, alguns de carácter pontual, que potenciam a articulação interciclos, como, por exemplo,, o Canguru Matemático, o Concurso Nacional de Leitura, o *Spelling Contest*, o projecto Palavras com História ou outras de semelhante dimensão.

3. Atividades pedagógicas com mobilização de recursos interativos

A Escola está dotada de um computador, um projetor e um quadro interativo em cada sala de aula de todos os ciclos de ensino – situação que se mantém desde o início do Projecto PAIDEIA – pelo que, como seria de esperar, a mobilização de recursos interativos é uma prática comum.

Assim, se em 2016 nenhum professor referia não os utilizar e cerca de 30% referia a sua utilização esporádica, os números voltam a ser muito semelhantes em 2018, apesar de aparecer agora uma percentagem residual de professores que refere não os utilizar de todo.

A análise, então, tem de abordar aspectos mais detalhados da situação que se vive na Escola. Se, em 2016, utilizar recursos interactivos, para muitos professores, poderia querer dizer apenas a utilização do projector e do quadro interativo para a projecção de apresentações, actualmente é reconhecida a disseminação na Escola de um conjunto de aplicações e *software* mobilizados regular e transversalmente em todos os ciclos de ensino, a maior parte do qual decorre directamente da participação em actividades do Projecto PAIDEIA. *QR Codes, Kahoot!, Socrative, Padlet, Edpuzzle, Powtoon, Plickers*, designam agora, na Escola, ferramentas comuns de um número alargado de professores, de todos ciclos, mobilizadas com

carácter de regularidade e para actividades que vão desde a apresentação de conteúdos até instrumentos de avaliação. Têm vindo a ser também mobilizadas para implementar a qualidade das participações da Escola em projectos Erasmus+ KA2, uma vez que foi intencionalmente promovido o seu domínio pelos alunos. Por exemplo, não se trata apenas de aplicar um questionário aos alunos, feito através do *Socrative*; trata-se de encorajar e solicitar aos alunos, eles próprios, a produção de questionários elaborados no *Socrative*.

Por outro lado, o Laboratório de Dispositivos Móveis, existente na Escola em resultado directo do Projecto PAIDEIA, tem sido cada vez mais frequentemente solicitado pelos professores e a Escola participa no projecto regional TOPAS (Traz O Próprio Aparelho), tal como era intenção original do projecto.

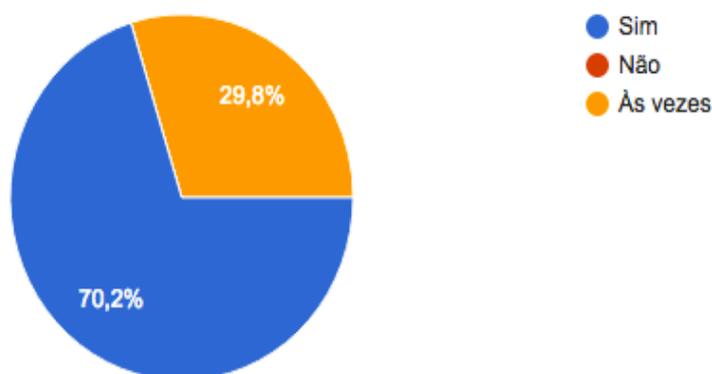


Gráfico 21 – Mobilização de recursos interactivos em actividades pedagógicas, setembro 2016

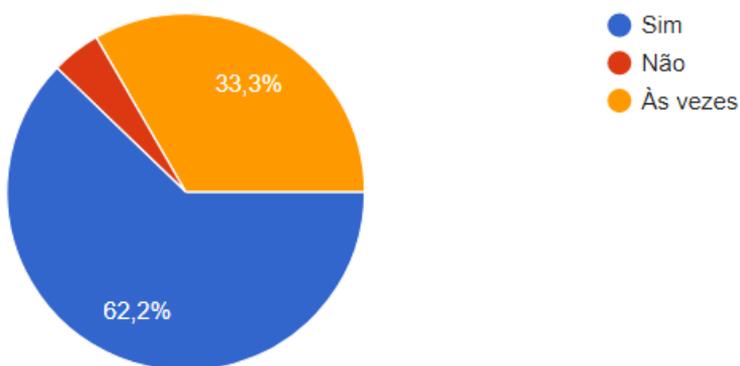


Gráfico 22 – Mobilização de recursos interactivos em actividades pedagógicas, junho 2018

Constata-se, portanto, que, mais do que os números dos gráficos acima, foi a própria natureza do que se entende por recursos interactivos que se alterou na Escola, existindo actualmente o uso generalizado de um conjunto de recursos que são já do domínio comum.

4. CLIL – Projetos integrados de aprendizagem da língua estrangeira: Content and Language Integrated Learning”

Se, em 2016, não se registavam projectos deste âmbito na Escola, em 2018 foi já feita uma tentativa experimental, no âmbito do ensino da História, e foi concluída uma mobilidade em CLIL por uma equipa de inovação do projecto PAIDEIA, constituída por 3 professores de Inglês, Educação Musical e Educação Visual, dos 3 ciclos de ensino.

A implementação na Escola desta estratégia de aprendizagem da língua estrangeira, cuja introdução será certamente mais fácil e adequada nas áreas curriculares de expressões, menos dependentes de material de aprendizagem auxiliar – como os manuais – inexistente, está, contudo, dependente do crédito de horários docentes a atribuir pela Direcção Regional de Educação à Escola e pela possibilidade de ter um professor de Inglês disponível para o seu acompanhamento.

5. Projetos Inovadores

Em 2016, na avaliação da situação inicial da Escola, foram listados quatro projectos inovadores nos quais estava, ao tempo, envolvida a Escola, nomeadamente os projectos Musicalidades da Língua, Ensino Precoce do Inglês, Prof DA, e Mexer para Crescer. Nos dois últimos anos lectivos, a Escola aumentou consideravelmente o número de projectos de inovação nos quais os seus professores se encontram envolvidos, mantendo todavia os quatro originais. Assim, no final do ano lectivo de 2017/2018, são os seguintes os projectos de inovação que se encontram em desenvolvimento:

- **Musicalidades da Língua:** projeto que conjuga as áreas da Música e do Português nos 3 ciclos de ensino, com os objetivos de utilização da expressão musical como recurso para o desenvolvimento das competências literárias;
- **Ensino Precoce do Inglês:** projeto que visa a aprendizagem da língua inglesa na educação pré-escolar, como preparação para o 1.º ciclo, no qual a aprendizagem do inglês está já estabelecida na componente curricular dos alunos desde o 1.º ano;
- **Prof.DA:** projeto de formação de professores visando a intervenção precoce junto dos alunos para superação de dificuldades de aprendizagem na Matemática no 1.º ciclo do Ensino Básico; este projeto mobiliza o método de Singapura para o ensino da Matemática;
- **Mexer para Crescer:** projeto destinado à promoção da educação física na educação pré-escolar;
- **Projecto AFC:** projecto de autonomia e flexibilidade curricular, promovido a nível central e ao qual a Escola aderiu com o intuito de promover a inovação na escola, de acordo com o Projeto Educativo de Escola (PEE), dando seguimento aos objetivos

traçados no Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho, nomeadamente: a promoção da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, de modo a que todos os alunos consigam alcançar o Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória; e a concretização de um exercício efetivo de autonomia curricular, possibilitando às escolas a identificação de opções curriculares eficazes e em consonância com a especificidade do projeto educativo e do plano de acção estratégica (...) do plano plurianual de melhoria. Este projecto desenvolve-se nos primeiros anos de cada ciclo de ensino e será alargado gradualmente aos anos subsequentes nos próximos anos lectivos;

- **Projecto Fénix:** projecto de promoção de competências nas áreas curriculares de Matemática e Português, através do qual são disponibilizados mais recursos profissionais para a leccionação daquelas áreas e é possibilitada a gestão criativa dos recursos disponíveis na implementação da qualidade das aprendizagens;
- **Literacia do Oceano:** trabalho despoletado no âmbito da rede de escolas UNESCO (ASPNet) e desenvolvido em metodologias de projecto, através do qual a EB 1/JI do Porto Judeu, núcleo da Escola geograficamente afastado da sede, tem vindo a desenvolver trabalho colaborativo entre alunos e professores;
- **Erasmus+, KA2:** apesar de envolvida desde 2015 em parcerias estratégicas Erasmus+, KA2, a estratégia seguida desde 2016 de alocação de projectos a tramas específicas tem permitido entendê-los e executá-los como projectos de inovação, na medida em que estão completamente integrados nas actividades de aprendizagem de cada turma envolvida, mobilizando simultaneamente alunos, professores e espaços lectivos, e integram práticas de inovação sistemáticas, seja ao nível das temáticas de aprendizagem, seja das metodologias de abordagem, seja ainda do trabalho colaborativo e das aprendizagens inter pares;
- **Laboratório de Dispositivos Móveis:** resultando directamente do envolvimento da Escola no Projecto PAIDEIA e constituindo um projecto inovador de características distintas, uma vez que inclui espaço e recursos físicos, a Escola tem agora uma sala, equipada com 17 tablets, e respectivos equipamentos de carregamento, a qual pode ser requisitada por todos os professores e turmas, para actividades pedagógicas diversas.

Conclui-se, assim, que os projectos inovadores em desenvolvimento na Escola, no decurso da implementação do Projecto PAIDEIA, mais que duplicaram em relação ao início do projecto. Todavia, mais importante do que isso é a definição operatória de inovação que agora consta do PEE da Escola, bem como a menção explícita à inovação que agora existe no PEE e no seu esquema operatório, que se apresenta abaixo.

Assim, não é de surpreender que os números apurados relativamente a este tópico tenham melhorado significativamente no decurso do Projecto PAIDEIA, tendo subido a percentagem de professores já envolvidos em projectos de inovação cerca de 10 pontos percentuais.

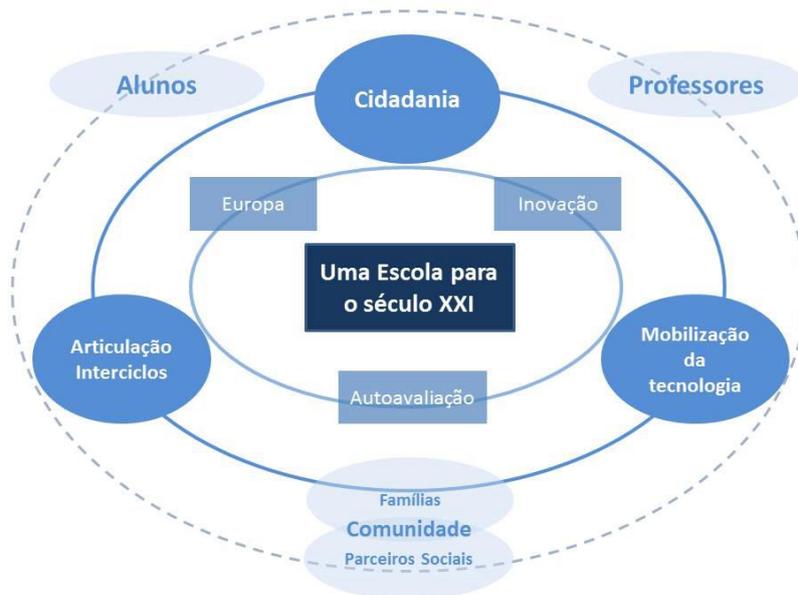


Figura 1 – Esquema operatório do actual Projecto Educativo de Escola (PEE)

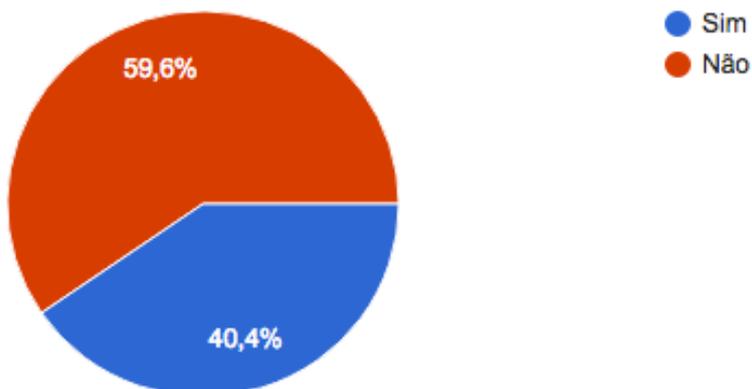


Gráfico 23 – Participação dos professores da Escola em projectos de inovação, setembro 2016

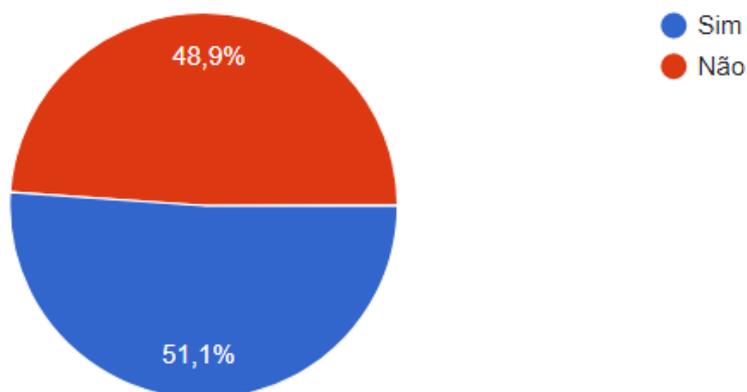


Gráfico 24 – Participação dos professores da Escola em projectos de inovação, junho 2018

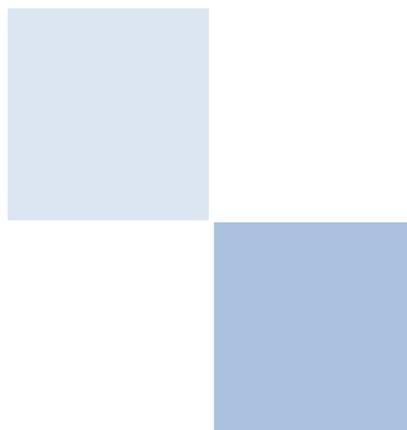
6. Atividades Extra Curriculares

Em 2016, no Relatório Inicial, a Escola identificou duas áreas principais onde concentrava a sua actividade: clubes temáticos e apoios curriculares às aprendizagens.

A Escola continua a colocar ao dispor dos alunos clubes temáticos em áreas bastante diversas, como a culinária, o teatro, as línguas e o teatro e apoios sistemáticos. Deve referir-se, contudo, o surgimento de novos clubes que reflectem de forma directa o influxo do projecto PAIDEIA, o clube europeu e o clube eTwinning. Este último conseguiu já garantir à Escola vários selos de qualidade a nível nacional.

Por seu lado, os apoios curriculares continuam estruturados da mesma forma, apesar do Conselho Pedagógico ter já concluído pela necessidade da sua reestrutururação.

DIMENSÃO EUROPEIA DA EDUCAÇÃO



1. Professores que já participaram em projetos europeus

No final do projecto, e ao contrário dos 10% iniciais, a Escola apresenta já mais de 50% de professores que afirmam estar ou já ter estado envolvidos em projectos Erasmus+, KA1 ou KA2. Face aos valores iniciais, o aumento dos valores foi muito significativo, tendo o número de professores com experiência Erasmus+ quadruplicado na Escola nos últimos dois anos.

Esta evolução muito positiva não dá conta apenas de professores envolvidos em actividades de mobilidade, mas engloba também os professores que, na Escola, participam em projectos KA2 e dão seguimento às suas várias parcerias estratégicas.

Neste contexto, portanto, o Projecto PAIDEIA não só contribuiu como, em conjunto com os restantes projectos Erasmus+ da Escola, ultrapassou os resultados esperados há dois anos atrás.

2. Alunos que já participaram em projetos europeus

Desde o início da implementação dos projectos Erasmus+ na Escola, em 2015, os contingentes de alunos envolvidos não cessaram de aumentar até à presente data. Assim, exclusivamente em actividades de mobilidade, a Escola conseguiu já enviar 39 dos seus alunos para vários destinos europeus, desde a Lituânia à Sicília (Itália), passando por França, Alemanha, Polónia e Grécia, estando já agendadas mobilidades à Espanha, Roménia e Alemanha para o ano lectivo de 2018/2019, que envolverão previsivelmente mais 15 alunos.

Todavia, a abrangência dos projectos Erasmus+ na Escola ultrapassa estes números em muito. Se, no primeiro projecto Erasmus+, KA2, não se realizou uma LTTA na nossa Escola, no ano lectivo de 2017/2018 contámos com duas LTTA, nas quais se deslocaram à nossa Escola 33 alunos de vários países europeus (Alemanha, França, Grécia, Espanha, Polónia e Roménia), acompanhados de 19 professores. Por outro lado, enquanto o primeiro projecto foi operacionalizado através de um clube específico para o efeito, envolvendo cerca de 40 alunos, os projectos seguintes foram indexados às turmas de 8.º ano da Escola, uma vez que, sendo bianuais, acompanham os últimos anos dos nossos alunos; assim, estiveram e estão neles envolvidos duas turmas de 8.º ano (41 alunos) e duas turmas de 9.º ano (42 alunos).

A estes números não se pode deixar de juntar ainda um leque alargado de turmas, alunos e professores da Escola, que assistem, participam, colaboram eventualmente, e criam expectativas em relação a projectos futuros.

Se, nestes números, são sobretudo projectos KA2 que aparecem envolvidos, também para eles não deixaram de contribuir as actividades de mobilidade promovidas no âmbito do Projecto PAIDEIA, ao dotar muitos professores da Escola de competências e daquela noção de

cidadania pedagógica europeia a que já fizemos referência que é essencial ao desenvolvimento das temáticas que dão mote aos restantes projectos.

3. Professores registados na plataforma E-Twinning

Encontram-se actualmente registados na plataforma eTwinning, enquanto professores da EBI Francisco Ferreira Drummond, 30 professores, o que representaria 41% do total de professores da Escola. Contudo, alguns dos professores registados já abandonaram o quadro da Escola e estes números terão de ser vistos com cautela, sendo, ainda assim, superiores aos valores registados em 2016 (35%).

Este facto poderá justificar a redução da percentagem de professores envolvidos em projectos eTwinning de 2016 para 2018, respectivamente de 25% para cerca de 20%.

Apesar de percentagens menores, deve salientar-se que, através da oficina de formação dinamizada na Escola e dedicada ao eTwinning à qual se fez referência o Relatório Intercalar, a qualidade dos projectos dinamizados tem vindo a aumentar, o que é atestado quer pelo Clube eTwinning da Escola, quer pelos selos de qualidade entretanto conseguidos, a nível nacional.

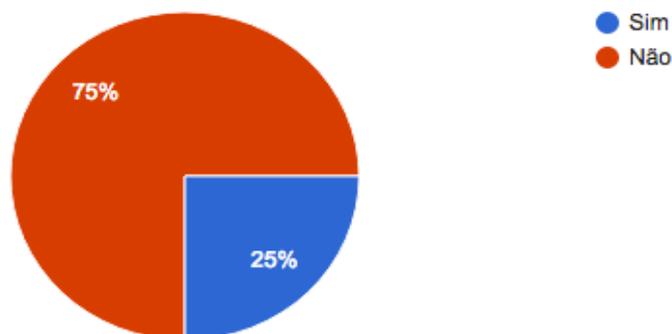


Gráfico 25 – Desenvolvimento efectivo de projectos eTwinning na Escola, Setembro 2016

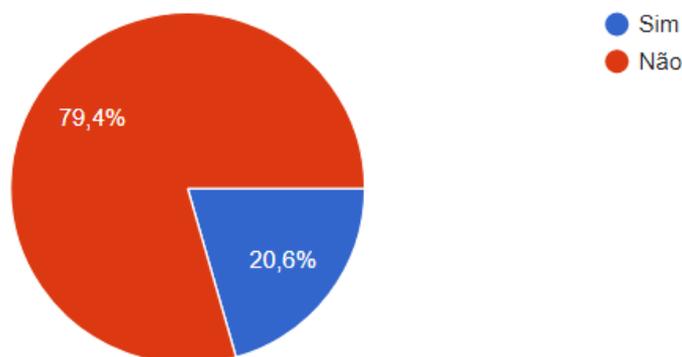


Gráfico 26 – Desenvolvimento efectivo de projectos eTwinning na Escola, junho 2018

4. Escolas parceiras na Europa

Em Julho de 2018, a Escola conta com 15 escolas parceiras espalhadas pela Europa, às quais se podem juntar 4 outras em Portugal, e ainda 9 instituições formadoras europeias. Além disso, encetou já contactos com a Universidade de Brown (Connecticut, EUA), através do Prof. Onésimo Teotónio de Almeida, e com a Direcção Regional das Comunidades, na pessoa do seu actual Director, Dr. Paulo Teves, no sentido de explorar as possibilidades de concretizar parcerias transatlânticas.

Da nossa modesta rede de 5 escolas parceiras, no início do Projecto PAIDEIA, a Escola aumentou para 29 as suas parcerias estratégicas, dando cumprimento e superando todas as expectativas em relação ao objectivo de reforçar a dimensão europeia da educação que consta do PEE (cf. Fig. 1, acima).

Estes valores não incluem ainda as futuras parcerias estratégicas, decorrentes de projectos KA2 de 2018, ao momento em fase de análise., os quais atingiram o número de 8.

Se este crescimento espectacular dos dois anos de decurso do Projecto PAIDEIA mostra o já referido reforço da dimensão europeia da educação na Escola, não é razoável pensar que possa continuar em expansão nos próximos tempo; entramos agora numa fase de aprofundamento e exploração das parcerias de maior valor estratégico, uma vez que existem já possibilidades de escola alternativa.

5. Professores disponíveis para viajar com alunos

Os valores deste indicador não sofreram alteração significativa com o decorrer do Projecto PAIDEIA, apesar da mudança de professores dos quadros da Escola, pelo que não parece ser um indicador relevante para a análise ao Projecto.

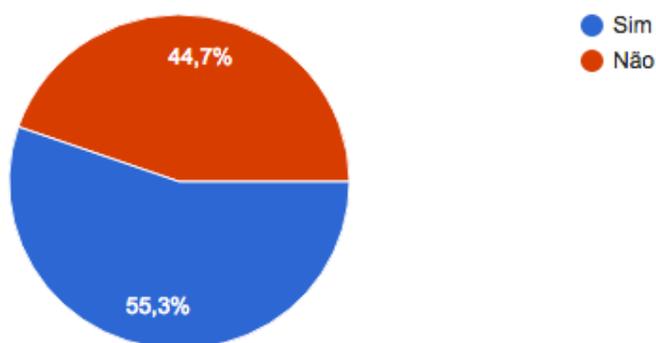


Gráfico 27 – Professores disponíveis para viajar com alunos em projectos da Escola, setembro 2016

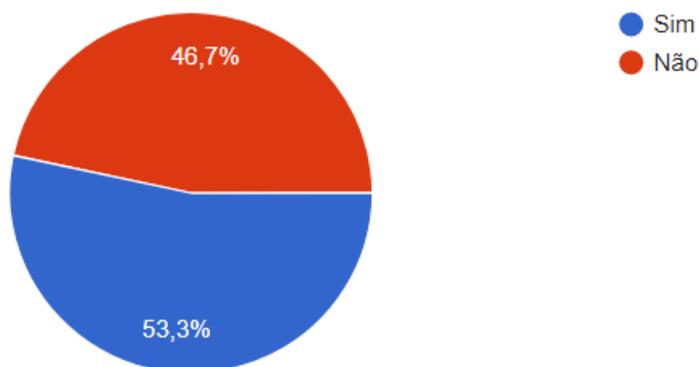


Gráfico 28 – Professores disponíveis para viajar com alunos em projectos da Escola, junho 2018

6. Clube Europeu

De acordo com a perspectiva traçada, a Escola dinamizou o Clube Europeu no ano lectivo 2017/2018. Contudo, o número de alunos inscritos ficou aquém das expectativas criadas. Este facto deve-se, em parte, às mudanças na coordenação do clube, por motivo de gravidez, e ao envolvimento simultâneo dos coordenadores do Clube nos projectos Erasmus+, KA2. Assim, o investimento no Clube Europeu talvez não tenha sido o mais adequado para o arranque do projecto, pelo que deve ser reforçado no futuro.

7. N.º de Projetos Europeus

Apesar da nossa localização geográfica continuar a impedir projectos europeus sem financiamento prévio, o número de parcerias financiadas pela Acção Chave 2 do programa Erasmus+ tem vindo sempre a aumentar desde o lançamento do Projecto PAIDEIA.

Temos, ao presente 1 projecto Erasmus+, KA2, concluído (2015/2017), um outro em fase de conclusão (2016/2018), um em funcionamento (2017/2019) e foram apresentadas, no convite Erasmus+ de 2018, 8 candidaturas a projectos diferenciados, uma das quais directamente relacionada com o Projecto PAIDEIA (auto-avaliação de Escolas).

Além destes, o projecto PAIDEIA, KA1, encontra-se em fase de conclusão e foi já aprovada a candidatura do projecto ESCOLA XXI, o qual decorrerá no próximo biénio (2018/2020).

O número crescente de projectos europeus garante, assim, o sucesso dos objectivos do Projecto PAIDEIA no que concerne a este factor.

8. Eventos Significativos

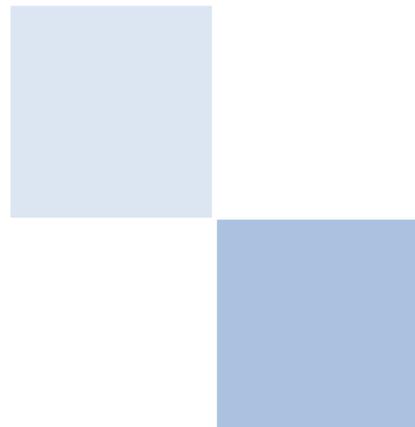
Relevando a dimensão europeia da educação no seu PEE, a Escola dinamiza já, com carácter de regularidade, a celebração do Dia Europeu das Línguas, do Dia da Europa e a concretização anual da participação da Escola na iniciativa *World's Largest Lesson*, destinada a promover a sensibilização de todos para os objetivos de desenvolvimento traçados pela ONU na Estratégia 2030, o que já se verificava em 2016.

Além destes, a Escola tem alargado a sua participação em iniciativas UNESCO, como o Projecto *Paper Crane* – iniciativa mundial de combate às armas nucleares lançada a partir do Japão – e a evocação do Centenário da 1.ª Grande Guerra, iniciativa de âmbito nacional.

No decorrer do projecto PAIDEIA foi também lançada a iniciativa *Bridging Europe in Education, workshop* destinado a todas as escolas da Ilha, à Direcção Regional de Educação e a outros parceiros locais, no qual, mobilizando a presença de parceiros KA2 na Escola, se promove a partilha de boas práticas no que concerne a projectos educativos europeus. A primeira iniciativa, em Junho de 2017, foi um sucesso, pelo que será retomada em próximas oportunidades, prevendo-se já Outubro de 2018 como uma data adequada para a sua realização, uma vez que decorrerá na Escola uma reunião transnacional de projecto, com parceiros de Espanha, Alemanha e Grécia.

Pensamos que também aqui, nesta dimensão de análise, o Projecto PAIDEI cumpriu os objectivos a que se propôs.

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL



Esta é a temática central do projeto PAIDEIA, pelo que a sua análise se reveste de particular importância nos momentos definidos para avaliação do projeto.

Assim, os indicadores de análise definidos devem reflectir as alterações produzidas pelo projecto, indicadores que, todavia, reflectiam também, à partida, as expectativas da Escola no que respeita à operacionalização de formação contínua, nomeadamente o seu enfoque em práticas formativas em contexto de desempenho profissional, formação interpares e trabalho colaborativo.

Antes de iniciar a sua análise, contudo, há que referir que esta é a área do Projecto PAIDEIA que, pela sua própria operacionalização, carece de maior investimento futuro. Seja porque o conjunto de oficinas de formação acreditadas pela Escola ainda não iniciou o seu funcionamento – excepto uma – seja pela própria estratégia delineada para a formação colaborativa, demasiado ambiciosa para ser conseguida no decurso de um biénio.

Com efeito, a Escola, entidade formadora do serviço público regional de educação, decidiu desde sempre apostar em modalidades formativas que possibilitassem o trabalho colaborativo e o desenvolvimento profissional acompanhado dos seus professores; assim, elegeu sempre a modalidade de oficina de formação – ou outra modalidade similar – para as formações acreditadas a realizar, em detrimento dos habituais cursos de formação, que mantêm um modelo exclusivamente escolarizado de formação, não acompanham a prática diária do trabalho do professor e não conseguem avaliar os resultados em termos de alterações de práticas. Transformar mobilidades Erasmus+ em oficinas de formação, revelou-se, contudo, um esforço vão, na medida em que uma equipa de inovação da Escola, envolvida num evento formativo no estrangeiro, dificilmente consegue dele extrair conteúdos e objectivos formativos para operacionalizar uma oficina de formação acreditada na Escola.

Torna-se, portanto necessário acumular várias mobilidades para conseguir promover uma oficina de formação acreditada e assegurar o seu funcionamento na Escola. Assim, a Escola tem já três oficinas de formação prontas para abrir inscrições para o seu funcionamento no início do próximo ano lectivo: uma sobre articulação inter ciclos, uma sobre dinâmicas de aprendizagem e avaliação e uma sobre TIC na aprendizagem. Todas estas oficinas resultam do trabalho realizado em mobilidades e as equipas de inovação da Escola estarão comprometidas na sua operacionalização, pela partilha de conteúdos e de experiências nelas adquiridas.

Contudo, a constatação da escassez de conteúdos de uma mobilidade para a produção de formação na modalidade mais adequada à mudança de práticas levou também à constatação de que uma estratégia mais débil nos seus objectivos pode resultar mais eficaz na disseminação formal da formação resultante de mobilidades na Escola: uma sessão de partilha, não acreditada e sem o formalismo de uma oficina de formação, imediatamente a seguir à concretização da mobilidade, pode assegurar uma partilha imediata de conteúdos mas também, e mais importante, responsabilizar os professores envolvidos perante a Escola e o

conjunto dos seus profissionais. Esta será, sabemo-lo desde já, a estratégia a implementar em próximos projectos, a par com os mesmos objectivos relativamente à formação creditada.

Não pode, porém, deixar de destacar-se a quantidade e a qualidade da disseminação informal das actividades de mobilidade que foi levada a cabo na Escola por todos os professores envolvidos, sem excepção. De muitas e diferentes formas, chegaram à Escola, no decorrer do projecto PAIDEIA, uma quantidade enorme de informação, recursos, estratégias, que rapidamente entraram no quotidiano escolar, em todos os ciclos.

Atente-se agora nos indicadores definidos para este âmbito.

1. Professores Certificados Como Formadores

No que respeita a este indicador, regista-se um decréscimo da base de professores certificados como formadores existente na Escola, embora seja de reduzida relevância. Este facto está directamente relacionado com a alteração de quadros da Escola, que ocorre anualmente, e pode voltar a sofrer alterações no próximo ano lectivo.

Deve salientar-se, no entanto, que nem o número de professores formadores existente compromete a estratégia da Escola, nem deixará de ser incentivada a acreditação de novos professores como formadores no âmbito do serviço público regional de educação.

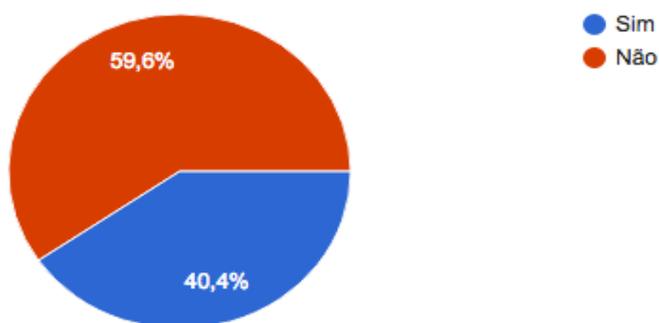


Gráfico 29 – Professores certificados como formadores na EBI FFD, setembro 2018

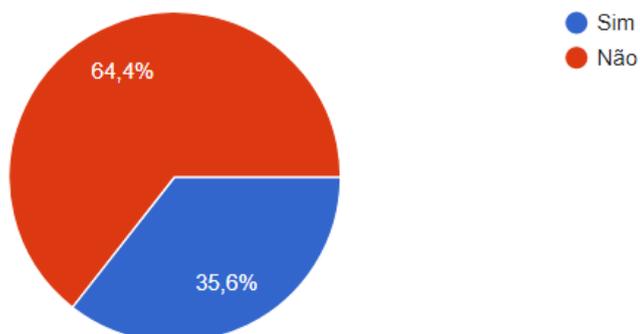


Gráfico 30 – Professores certificados como formadores na EBI FFD, junho 2018

2. Professores que dominam uma língua de comunicação na Europa

No que respeita a este indicador, deve registar-se o seu progresso no conjunto de professores da Escola, embora também aqui o progresso seja de reduzida expressão.

Há que continuar a desenvolver esforços para obviar a este problema, que pode limitar o acesso a mobilidades no âmbito de programas Erasmus+.

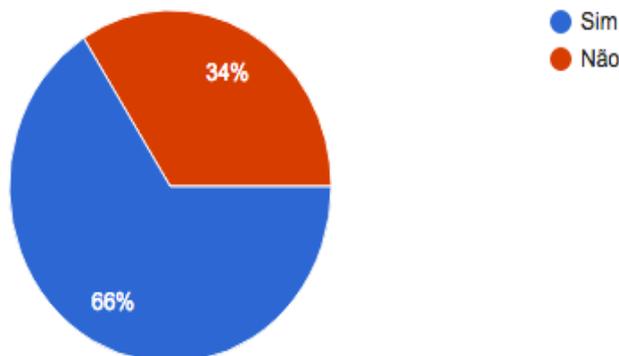


Gráfico 31 – Capacidade de comunicação em língua estrangeira dos professores da EBI FFD, setembro 2016

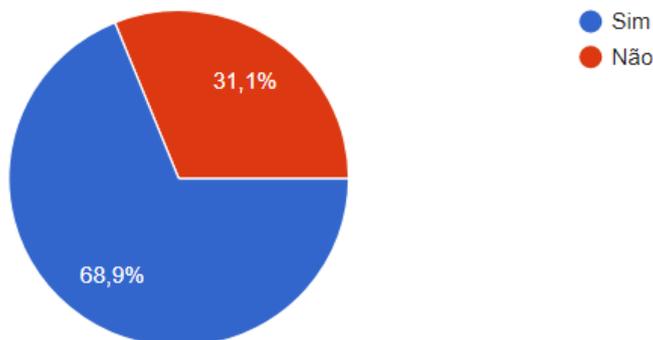


Gráfico 32 – Capacidade de comunicação em língua estrangeira dos professores da EBI FFD, junho 2018

3. Professores disponíveis para formação interpares nas Línguas

Neste indicador, regista-se um decréscimo significativo (cerca de 20%) do número de professores disponíveis para este tipo de formação.

Numa primeira abordagem poderia ser considerado um resultado menos positivo do Projecto PAIDEIA mas, quando combinado com o indicador acima, resulta plausível a interpretação de que a um maior domínio de línguas de comunicação, corresponderá uma menor necessidade de formação em língua, logo, menor disponibilidade para formações interpares nesta temática.

Desta forma, deve mesmo ser encarado como um indicador positivo a redução de disponibilidade dos professores neste domínio.

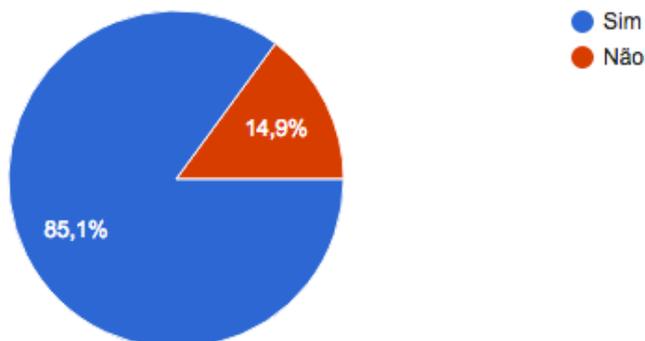


Gráfico 33 – Disponibilidade dos professores da EBI FFD para formação inter pares em línguas, setembro 2016

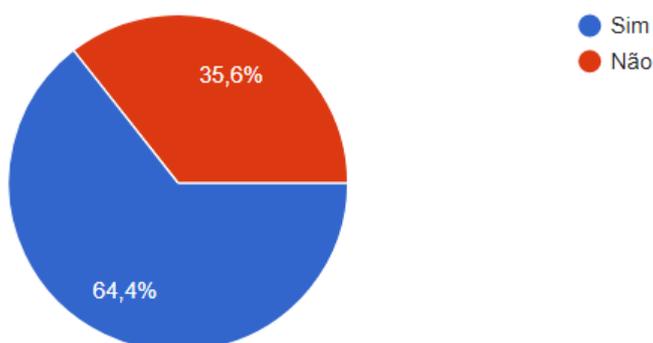


Gráfico 34 – Disponibilidade dos professores da EBI FFD para formação inter pares em línguas, junho 2018

4. Professores com formação no estrangeiro

De uma situação de partida que registava 0 (zero) professores nesta situação no quadro da Escola, o Projecto PAIDEIA tornou possível que se possa afirmar agora que um terço dos professores da Escola – 35% – já esteve envolvido em eventos formativos no estrangeiro. Assim, a Escola conta com 26 professores que frequentaram acções de formação no estrangeiro, envolvidos em 32 mobilidades.

É, certamente, o indicador mais positivo de todos os que foram definidos para esta análise. Torna-se plausível, através dele, afirmar que a Escola começa a ter como horizonte de referência para inscrição das suas práticas educativas contextos internacionais que, até agora, se tinham mantido alheios às preocupações dos seus profissionais de educação.

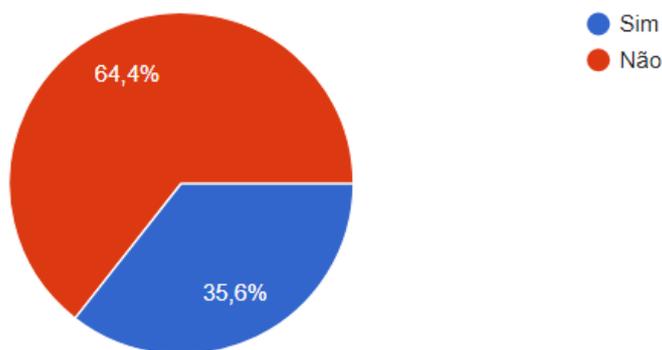


Gráfico 35 – Professores com formação no estrangeiro, junho 2018

5. N.º de ações de formação frequentadas

Analisando os dados relativos a este indicador, cuja variação não é significativa no biénio (2016/2018) de implementação do Projecto PAIDEIA, conclui-se da pouca influência que o projecto registou neste âmbito.

Mais do que aumentar linearmente os números de referência, o Projecto PAIDEIA caucionou antes uma alteração ao horizonte de referência no contexto da formação profissional, no caminho da internacionalização da Escola.

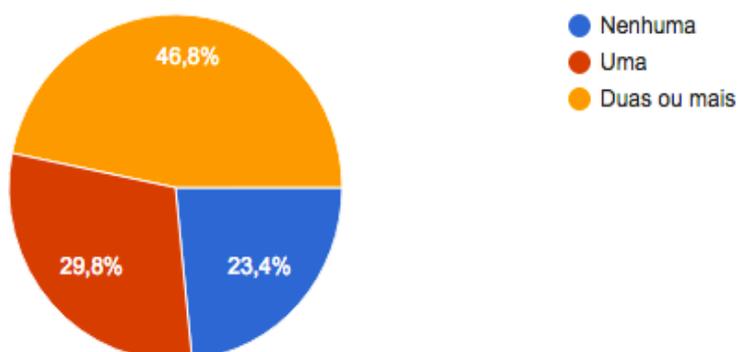


Gráfico 36 – Ações de formação frequentadas pelos professores da EBI FFD nos últimos 3 anos, setembro 2016

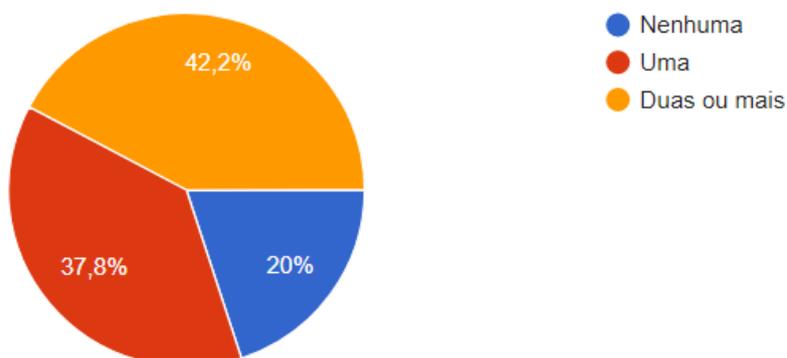


Gráfico 37 – Ações de formação frequentadas pelos professores da EBI FFD nos últimos 3 anos, junho 2018

Também no que respeita à participação em oficinas de formação, modalidade formativa mais adequada ao trabalho colaborativo em contexto de desempenho profissional, não se regista uma alteração significativa no biénio de implementação do Projecto PAIDEIA, o que fica a dever-se, como já ficou dito, à implementação de oficinas de formação apenas no próximo ano lectivo.

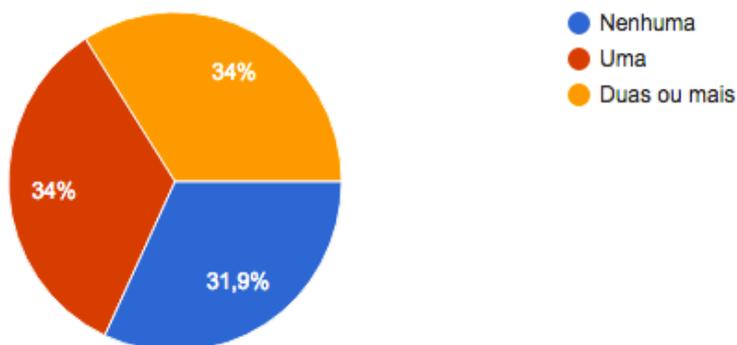


Gráfico 38 – Oficinas de formação frequentadas pelos professores da EBI FFD, setembro 2016

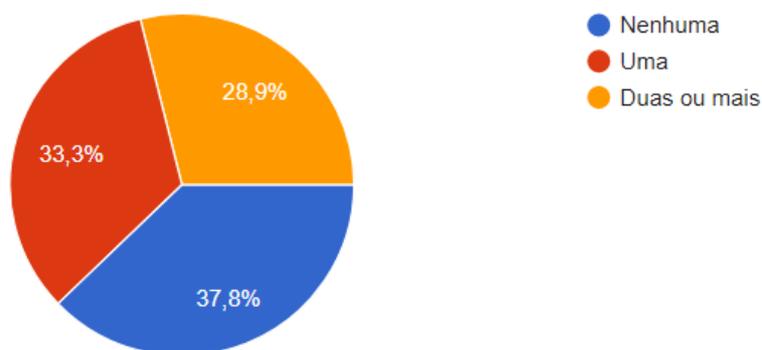


Gráfico 39 – Oficinas de formação frequentadas pelos professores da EBI FFD, junho 2018

6. N.º de oficinas de formação acreditadas/implementadas pela EBI FFD

No final do projecto PAIDEIA, a Escola tem quatro oficinas de formação acreditadas no âmbito do sistema regional de educação.

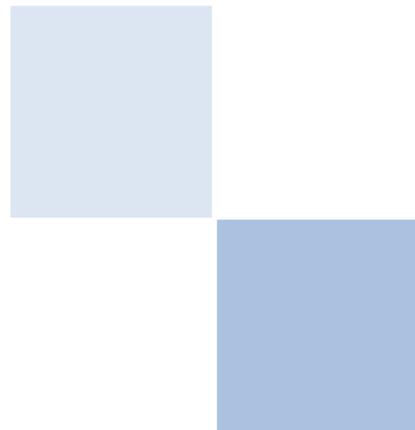
Uma delas foi já implementada, relacionada com o eTwinning, tendo cumprido a relevante missão de, para muitos dos profissionais da Escola, ser a porta de entrada no contexto europeu de práticas educativas e de projectos internacionais. Permitiu o desenvolvimento de vários projectos eTwinning, a obtenção de selos de qualidade nacionais, a constituição de parcerias internacionais em todos os ciclos de ensino. A sua operacionalização será retomada quando se verificarem novamente condições para a sua relevância no contexto dos projectos da Escola.

As restantes, centradas nas temáticas da articulação interciclos, das dinâmicas de aprendizagem e avaliação e das tecnologias de informação na aprendizagem, serão objecto de ponderação em Conselho Pedagógico da Escola, de forma a seleccionar as mais relevantes

para o início do próximo ano lectivo, de acordo com o projecto educativo da Escola, e a definir as condições do seu funcionamento no próximo ano lectivo. Estas condições podem ir da frequência obrigatória, por exemplo para professores envolvidos em projectos específicos (PAFC), para professores no desempenho de cargos de gestão pedagógica intermédia (coordenadores de departamento), à frequência voluntária, contextualizada em projectos.



CONCLUSÕES



Atendendo ao que ficou dito, procurar-se-á agora, resumidamente, perspectivar uma análise integrada da situação actual da Escola, no termo do Projecto PAIDEIA, análise que seguirá os domínios de análise definidos à partida como relevantes para a avaliação do projecto.

Assim, no que respeita à caracterização da Escola, constata-se que perdeu alunos e professores (sensivelmente 10% de cada um dos grupos) no decurso do projecto, tendência que será comum a todas as escolas da periferia portuguesa e, por maioria de razão, da periferia rural da ilha Terceira. Todavia, é notório o aumento dos projectos em que se envolve a Escola e, sobretudo, aqueles que relevam ou estimulam o trabalho colaborativo entre os seus profissionais de educação. A esta conclusão não será estranha a implementação do projecto PAIDEIA, com as novas dinâmicas de trabalho que gerou na Escola, nomeadamente a estratégia de criação e *empowerment* de equipas de inovação e a formação iniciada pela liderança pedagogicamente orientada.

Relativamente aos resultados escolares, é legítimo supor-se um impacto menor do Projecto PAIDEIA a curto prazo. Contudo, e dos resultados disponíveis, constata-se uma tendência constante desde o ano lectivo de 2013/2014 para uma melhoria dos resultados escolares, tendência que se manteve durante a execução do Projecto PAIDEIA. Os valores do insucesso escolar mantêm-se estáveis e residuais desde 2014/2015 e regista-se uma melhoria nos resultados da avaliação externa de 2015/2016 para 2017/2018, melhoria mais notória a Português do que a Matemática. Por outro lado, e continuando a considerar os resultados recolhidos, agora por área curricular, parece ser mais notória a influência do Projecto PAIDEIA nas classificações do 3.º ciclo, onde se registam melhorias, do que nas classificações do 2.º ciclo de escolaridade, sem alterações sensíveis.

Há que ter em conta, no entanto, que a análise de resultados escolares numa escola de dimensão tão reduzida fica, muitas vezes, dependente do contingente de alunos deste ou daquele ano, contingente que pode conter 3 ou 4 alunos que se destacam dos restantes e deixam uma marca estatística nas avaliações globais, que pode ser positiva ou negativa. Aconteceu esse fenómeno no corrente ano lectivo, por exemplo, no 8.º ano de escolaridade, com um índice de retenções relativamente superior aos indicadores dos restantes anos.

Relativamente às práticas educativas da Escola, nota-se claramente o influxo do Projecto PAIDEIA, desde logo na construção do Projecto Educativo de Escola – que passou a incluir a inovação e a dimensão europeia da educação como dimensões relevantes – mas também no seu quotidiano. O que antes se inscrevia no regime de excepção é agora, muitas vezes, norma na Escola: a organização das salas de aula, a diversificação dos instrumentos de avaliação, avaliações conjuntas de duas ou mais áreas curriculares, os critérios gerais de avaliação da Escola, as sessões de trabalho colaborativo entre professores, a divisão ou junção de turmas noutros conjuntos de alunos, com objectivos vários, entre outros factores, são exemplos claros das mudanças operadas, também potenciadas pela adesão da Escola ao PAFC.

A diversificação do que se entende por práticas interactivas de aprendizagem ganhou também outro relevo na Escola, com o alargamento do conjunto de recursos e aplicações mobilizados com regularidade nas mais variadas situações de aprendizagem. É já sentida por alguns professores a exiguidade dos recursos tecnológicos disponíveis, no que toca a largura

de banda, por exemplo, quando antes todos referiam a sua abundância, uma vez que consideravam apenas outros indicadores – como a presença de quadro electrónico em todas as salas.

Mas, neste aspecto, a mudança mais relevante – e que, em grande medida se deve ao Projecto PAIDEIA – é a inscrição da inovação nas práticas quotidianas da Escola, seja pela abertura que a ele manifestam um cada vez maior número de professores, seja pelo alargamento dos projectos de iniciativa da Escola, regional ou nacional, nos quais a Escola se dispõe a participar e a implementar com os seus alunos.

Já no que respeita à dimensão europeia da educação, pode concluir-se que, tal como era, de resto, esperado, foi neste domínio que se registou um maior impacto do Projecto PAIDEIA: do grupo Erasmus, como eram conhecidos os professores da Escola que primeiro se envolveram em projectos KA2, em 2015, a Europa passou a estratégia de Escola, alargada a todos os ciclos de escolaridade e inscrita no seu PEE. A Escola tornou-se participante activa no que chamámos de cidadania pedagógica europeia, com mais de 40% dos seus professores envolvidos directamente em actividades de mobilidade de dimensão europeia, conseguindo medir a relevância da sua participação em projectos europeus por relação a outras instituições envolvidas e dispendo de um fundo de conhecimento a partilhar com outras escolas regionais, nacionais e europeias.

Finalmente, no que concerne ao desenvolvimento profissional, o impacto do Projecto PAIDEIA foi de enorme dimensão na Escola, impacto que se espera poder amplificar nos próximos anos. Este impacto pode ser visto através de duas dimensões significativas: a profissionalidade docente dos seus profissionais passou, em grande medida, a ser inscrita num horizonte de referência internacional – comparam-se práticas não com o que o colega faz na sala ao lado ou na escola vizinha, mas com o que fazem professores em Espanha, na República Checa, na Alemanha ou na Finlândia – e o trabalho colaborativo e a aprendizagem interpares ganharam uma espessura que pode, sem surpresa, ser investida em contextos formativos formais. Com efeito, enunciar que processos de aprendizagem eficazes e potencialmente inovadores e transformadores das práticas quotidianas podiam ser realizados sem a figura epistemologicamente privilegiada de um formador e dispensando um modelo escolarizado de implementação – e concretizá-los! – teria sido um desafio insuperável no início do Projecto PAIDEIA. Agora, após a sua conclusão, encontram-se na Escola equipas de professores, em todos os ciclos de ensino, abertas à inovação e às mudanças nas suas práticas, procurando espaços de reflexão comuns e vocabulários alternativos em que se revejam como profissionais, assumindo-se mesmo como embaixadores da inovação.

O sucesso do Projecto PAIDEIA na Escola foi, portanto, por tudo o que ficou dito, assinalável e indispensável à Escola que temos e que queremos agora; pode mesmo ser considerado o dispositivo mais eficaz para a melhoria sustentada que seria possível encontrar.

A ideia de vários dos professores da Escola, quando solicitados a deixar um comentário à Agência Nacional, foi a de que implementar um projecto desta natureza devia não só estar ao alcance de todas as escolas como ser obrigatória a sua realização em prazos definidos, como garante da melhoria da qualidade de todas as escolas.